

ANTONIA ROSA DE ALMEIDA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM “A JUDIA
RACHEL”: UM ROMANCE DO SÉCULO XIX**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Vale do Rio Verde –
UNINCOR como parte das exigências
para obtenção do título de mestre em
Letras.

Orientadora
Professora Dra. Aparecida Maria Nunes

**Três Corações – MG
2007**

AGRADECIMENTOS

São tantos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa pesquisa:

- A minha família, em especial, a memória de minha mãe;
- As aulas dos professores;
- Ao carinho de Geysa Silva a me fazer sentir capaz e acreditar no meu sonho;
- A hospitalidade da casa de Cida e sua ajuda durante a minha permanência em Três Corações;
- A alegria do Tiago e da Rosângela, companheiros de pensão;
- A torcida dos alunos do Curso de Letras da FACIC / SOEBRAS;
- Aos amigos de Augusto de Lima, da Escola Estadual José Brígido Pereira Pedras e da FACIC / SOEBRAS;
- A gentileza e apoio da Edilene, uma irmã camarada;
- A compreensão e torcida de Nicinha;
- A orientação da professora Dra. Aparecida Maria Nunes que, com determinação e sabedoria, me encaminhou pelo viés da escrita feminina e me mostrou uma variedade de possibilidades para a construção da minha pesquisa.

“Sejam escritas estas coisas para a geração futura, e o povo, que há de ser criado, louvará o Senhor...”

Salmo 101-19

SUMÁRIO

Apresentação.....	09
Capítulo I – O lugar do discurso feminino no século XIX na Literatura	
Brasileira.....	14
1 – Rio de Janeiro, palco da literatura no Século XIX.....	14
2 – 1808, O Império no Rio de Janeiro.....	15
3 – Uma casa, um livro e as mulheres no Século XIX.....	16
4 – De Minas uma estrada literária no século XIX.....	19
5 – O movimento feminista: seu código.....	22
Capítulo II – O discurso feminino através da crítica.....	25
1 – Nós, Vós, elas... ..	25
2 – A Judia Rachel, tempo e espaço do sujeito	29
3 – Uma certa mulher nos vãos da vida: Rachel	31
4 – A consciência revolucionária de Rachel.....	33
5 – Rachel, à procura do eu.....	37
6 – A escrita feminina em A Judia Rachel	39
Capítulo III – O eixo pragmático de <i>A Judia Rachel</i>	44
1 – Sob a luz da estrela do oriente	44
2 – Sob o gorjeio do sabiá	47
3 – Sob os pés da Santa Cruz	48
4 – Sob o signo patriarcal	50
5 – Sob o nome da História	53
6 – Sob a cor do rosa-choque	60
7 – Sob o tom da palavra	61
8 – Sob o sangue da guerra	63
9 – Sob o nome Judia	65
10 – Sob a soma da dor	67
Capítulo IV – A mulher espelhada em <i>A Judia Rachel</i>	70
1 – Trabalho já, dignidade sempre	70

2 – Travessia e discurso em A Judia Rachel: Luto e Melancolia.....	72
3 – Gênero e literatura: Uma história de homens e mulheres na Judia Rachel	74
4 – No texto: espaço e temporalidade, a memória	76
5 – Sedução, Quae Será Tamen	78
Capítulo V – Em algum lugar na história: ELAS.....	80
1 – Quem de nós?	81
2 – Percalços, mas também vitórias	82
3 – Várias vertentes e uma linguagem	83
4 – Um eu em questão	85
5 – Conclusão.....	87
Capítulo VI – Bibliografia.....	88
6.1 – Da autora	88
6.2 – Referências Bibliográficas	88

RESUMO

ALMEIDA, Antonia Rosa de. **A representação da mulher em “a Judia Rachel”: um romance do século XIX**. 2007. 90 p. (Mestrado em Letras) - Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – UNINCOR - MG¹.

A análise do discurso feminino e sua inserção na literatura se fazem necessárias para indicar as diferenças nas produções de autoria feminina, tendo em vista sua representatividade no espaço social. A trajetória da mulher desde suas ações do pressuposto de rainha do lar, mãe e esposa, marca a sua projeção histórica como ser ativo mediante a sua realidade e consciência da posição que deve ocupar na sociedade e no mundo. Por isso, o resgate da obra “A Judia Rachel” de Francisca Senhorinha da Motta Diniz, em co-autoria com sua filha Albertina da Motta Diniz, fornece subsídios para examinar a literatura de autoria feminina e temas que buscavam, no caso, o direito à igualdade de papéis.

Palavras-chave: mulher, igualdade, sociedade, história.

¹ Profa. Dra. Aparecida Maria Nunes – UNINCOR.

ABSTRACT

ALMEIDA, Antonia Rosa de. **Woman's representation in "Rachel, The Jew": a romance of nineteen century.** 2007. 90 p. (Dissertation – Master in Letters) - Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações – UNINCOR - MG².

The feminine discourse analysis and its insertions in literature are necessary to indicate the differences in the productions of feminine authorship, in view of her representation in the society. The trajectory of the woman since her action as homemaker, mother and wife, marks her historical projection as an active being by means of her reality and conscience of her position in society and in the world. Therefore, the rescue of the book "Rachel, The Jew", by Francisca Senhorinha da Motta Diniz in co-authorship with her daughter Albertina da Motta Diniz, gives subsidies to examine the literature of feminine authorship and themes that looked for, in this case, the right of the role equality.

Key- words: woman, equality, society, history.

² Profa. Dra. Aparecida Maria Nunes – UNINCOR.

APRESENTAÇÃO

Devido à complexidade nos parâmetros da construção da História, tornou-se necessário um estudo mais abrangente em relação ao discurso feminino no romance do século XIX e à participação das mulheres no campo da literatura de então.

Os fatores que revelam questões femininas voltadas para a comunicação social e suas ações envolvendo a problemática das mulheres do século XIX possibilitaram reflexões que podem contribuir para uma história mais completa da literatura brasileira, numa tentativa de rever o cânone literário e de tentar contribuir para outra trajetória dos estudos literários que contemple produções de autoria feminina e, ainda, de temática voltada aos assuntos de interesse da mulher na sociedade que, até então, permaneciam empoeiradas e guardadas em arquivos de biblioteca.

Os estudos que analisam o discurso feminino confirmam as limitações na esfera gênero e marcam a evolução de cada tempo na história das mulheres. Vale salientar que a questão das relações de gênero vem desabrochando nos últimos anos, percorrendo o viés das narrativas. A partir de 1970, consolidou-se o termo gênero para definir a caminhada literária, estabelecer a diferença sexual, analisar as experiências masculinas e femininas no contexto histórico social e econômico de uma nação.

Os estudos culturais têm como um dos princípios fundamentais reconstituir a tradição de um povo, com questionamentos capazes de compreender fatores sociais. A fim de que os fluxos comportamentais se revigorem e possam contribuir com o desenvolvimento planetário, a cada passo da história, as relações de gênero buscam articular a dialética do texto e o mistério que a ele se prende.

As representações das mulheres no mundo literário ocorrem a partir de suas lutas sociais, tendo em vista as relações de poder. Saindo do seu espaço doméstico, as mulheres começaram a se organizarem, criando os movimentos feministas para divulgação de suas idéias como direito ao voto, à educação, ao trabalho remunerado e também às questões abolicionistas, enfim, a defesa da classe dos menos favorecidos. Diante dessas considerações, busco no século XIX requisitos para compreender a história das mulheres e verificar a representatividade de Francisca Senhorinha da Motta Diniz no cenário nacional e sua colaboração para a história das mulheres enquanto escritoras.

O século XIX assinalou, com tenacidade, a consagração da mulher na vida social. Logo, todo o crescimento econômico da França gerou grande mudança no pensamento

humano que se completou com as ações femininas em meio às ações masculinas. Durante esse período, o crescimento urbano, sem dúvida, trouxe também os primeiros problemas, e com isso, a inquietação feminina começou a se projetar nos espaços públicos. A mulher se posiciona de maneira eficaz em toda a sociedade. A realidade interna e externa cria um mundo agregado aos ideais de liberdade, mostrando à mulher sua condição de vida, objeto de uma sociedade patriarcal. Com nova consciência, a mulher se afasta do parapeito das janelas e das prendas domésticas para ocupação de um espaço na sociedade. Com isso, o lugar delas deixou de ser apenas a casa. A história das mulheres brasileiras ultrapassa os desvãos de seu cotidiano para adquirir dentro de seu habitat uma nova consciência de vida.

Marco importante na história das mulheres do Brasil foi a chegada da Família Real em 1808, no Rio de Janeiro. Nesse período, as transformações políticas acrescentaram valores culturais à sociedade da época. O Brasil passou de Colônia a Vice-Reino, firmando, assim, sua economia com o mundo inteiro. Dessa forma, a vida social ganhou novo rumo através dos teatros e a literatura alcançou grande prestígio em torno do romance e de seus leitores: os estudantes universitários e as mulheres.

A urbanização e a implantação das indústrias contribuíram muito para a mudança de comportamento e desenvolvimento das idéias. Com isso, veio também à evolução dos meios de comunicação, acrescentando melhoria fundamental em todos os setores que, de certa forma, acabou por influenciar a política econômica do país. A importância do café e, em contrapartida, a valorização do algodão, do cacau e da borracha, criou ainda uma expectativa benéfica para o desenvolvimento do Brasil. Finalmente, quando a imprensa se concretiza de vez no país, a mulher passa a participar, bem timidamente, na escrita com manuscritos reveladores de sua rotina doméstica, produzindo e se dedicando a textos peculiares a sua condição de mulher recatada e prendada: receitas, cartas e diários. Durante esse período, o movimento feminista começou também a ganhar força, muitas vezes influenciado pelas lutas de outras mulheres, as européias, e surge, então, a imprensa feminina. O aparecimento de periódicos dedicados à mulher marca nova época e coloca em questão as desigualdades sociais, provocando transformação nos usos e costumes das pessoas. A partir dos jornais escritos por mulheres, o que estava à margem da sociedade adquiriu maior crédito.

Nesse contexto, o Sul de Minas acrescenta na história brasileira um papel de destaque nas áreas da cultura, economia, sociedade e política. Mais do que um marco dentro da história, o Sul de Minas qualifica, de maneira eficaz, a cultura do estado, revelando os aspectos geográficos portadores de infinitas interrogações, porém, repleto de quadros da vida regional que influenciaram positivamente no processo social e educacional brasileiro.

Em Campanha, no Sul do Estado de Minas, a força da educação escolar operou de forma significativa nas ações inovadoras da sociedade e trouxe para o espaço público nomes relevantes para a construção desse mundo novo. Francisca Senhorinha da Motta Diniz, educadora exemplar na sociedade do Sul de Minas, se consagrou no contexto histórico brasileiro. Nascida em São João Del Rei, foi professora, diretora de colégio, escritora e dona de jornal. Dedicou, ainda, grande parte de sua vida às questões sociais. Com sua crença no progresso, afirmava que toda mulher deveria ter uma educação completa para ajudar no crescimento social.

Em 1873, Francisca Senhorinha publica seu jornal *O Sexo Feminino*, retratando a importância da educação, o direito ao voto feminino, ao trabalho, enfim, tudo que era negado à mulher. Nesse semanário, mostrava as restrições possíveis de caráter social, cultural e político em relação ao sexo feminino. Apesar das dificuldades que a mulher brasileira enfrentava para garantir sua liberdade e seus direitos, Francisca Senhorinha permanecia confiante em sua luta. Mesmo sendo dona de casa, mãe e preocupada também com os afazeres domésticos, Senhorinha destacava sempre o perfil da mulher do futuro mediante a independência econômica, o trabalho e a dignidade pessoal.

O livro *A Judia Rachel*, que insere Francisca Senhorinha como escritora de romances, num período marcado por produções masculinas ou, em alguns casos, de produções que se destinam à leitora, mas cujos autores se valem de pseudônimos femininos para se aproximar mais de seu público-alvo, simulando cumplicidade. Ultrapassando as barreiras impostas pela sociedade patriarcal, em 1886, Francisca Senhorinha escreve a quatro mãos, em co-autoria com sua filha, Albertina da Motta Diniz, uma obra de costumes orientais situando no primeiro plano as ações femininas e, com isso, reestruturando a participação da mulher na sociedade através da literatura.

Fomentar o estudo da cultura oriental, que serve como pano de fundo para o enredo concebido por Francisca Senhorinha, constitui, por outro lado, entender as razões de sua autora para consolidar seu romance de costumes e falar mais de perto para a mulher interiorana de Minas Gerais e também para a mulher da corte, uma vez que Francisca tinha livre acesso à metrópole da época, mantendo relações de amizade, inclusive, com Dom Pedro II e com outros renomados intelectuais do Império.

Assim, pretendo analisar a obra de Francisca Senhorinha, reconstruindo os caminhos do discurso feminino do século XIX, no Brasil, em sua totalidade para mapear a trajetória da mulher e o seu lugar. Para reconstrução desse caminho, meu trabalho será dividido em quatro capítulos, a saber:

- 1- O lugar do discurso no século XIX na literatura;
- 2- O discurso feminino através da crítica;
- 3- O eixo pragmático de *A Judia Rachel*;
- 4- A mulher espelhada em *A Judia Rachel*.

No primeiro capítulo, “O lugar do discurso no século XIX, na literatura”, questiono a passagem de homens e mulheres que construíram o espaço vivido por eles e que ajudaram a estruturar o seu significado. Através das interpretações de sentido em cada ponto, apoio no Sul de Minas para situar a presença da mulher na literatura.

No segundo capítulo, “O discurso feminino através da crítica”, procurarei apontamentos revelados pela crítica que estudam a questão das relações de gênero na literatura. A partir das análises dos autores, tentarei estabelecer um diálogo com os mesmos para caracterizar as marcas, o estilo e a questão da subjetividade em *A Judia Rachel* e, ainda, buscar na narrativa a fala da narradora, para que juntos possamos interagir nesse caminho que se propõe concatenar relações de parcerias, para entender melhor a complexidade do ser humano, onde o tempo e espaço que qualificou a voz do sujeito prendem-se na possibilidade apontada na voz do outro.

O terceiro capítulo, “O eixo pragmático de *A Judia Rachel* falará sobre a história das mulheres dentro do significado da submissão vivida por elas. Buscarei a simbologia de alguns elementos relacionados com o nome mulher na construção da representatividade das palavras submissão e opressão.

O quarto capítulo, “A mulher espelhada em *A Judia Rachel*”, enfatizará o papel da mulher como membro integrante da sociedade. Também com o mesmo objetivo do primeiro capítulo, acrescentarei a força da mulher dentro do seu *habitat* natural e sua relação com o mundo. Nesse caminho, estarei rastreando o discurso feminino na literatura escrita por mulheres no século XIX no Brasil, numa tentativa de mostrar fatores ligados a sua existência, como viveram, como morreram, como participaram da história. Na linguagem de *A Judia Rachel*, abordarei a marca e a presença da mulher em tempo e espaço, representando várias vozes. No que se refere à trajetória da mulher, mostrarei a construção textual da narrativa que apresenta a cultura do oriente caracterizando a mulher dentro de uma reflexão substancial e humanística.

Sendo assim, o século XIX marca a trajetória da mulher brasileira na literatura com resultado de grande luta em busca da conquista de seus ideais. Através da narrativa feminina, pode-se perceber pluralidade de recursos na linguagem disponível para a construção

do tecido de um texto. Dessa forma, a palavra surge para situar cada indivíduo em seu espaço no contexto histórico social.

É importante ressaltar que a análise um livro de autoria feminina no século XIX permite o desvendar da participação da mulher como coadjuvante na construção da história do país. Então, através do seu discurso, a mulher marca também o tempo e o espaço como referencial de toda a sua caminhada, como ser ativo e participativo. Ao ter seu espaço definido, a mulher encontra o seu eu perdido, contribuindo para o resgate de uma história importante e precisa para a geração de hoje e também para as novas gerações.

Logo, este trabalho se conclui trazendo como último capítulo o perfil da mulher numa história que se constrói, a cada dia, cujo título marca uma travessia cheia de percalços, mas vitoriosa, que é “Em algum lugar na história: ELAS”.

CAPÍTULO I

O LUGAR DO DISCURSO FEMININO NO SÉCULO XIX NA LITERATURA BRASILEIRA

1- Rio de Janeiro, palco da literatura no século XIX

Durante o período do governo colonial em 1763, a cidade do Rio de Janeiro transformou-se em pólo econômico do país, em consequência da cultura do açúcar e do gado bovino. Nesse mesmo ano, o mercado floresceu, permitindo grande movimentação nos portos para escoamento de vários produtos vindos do interior e do comércio escravagista.

No campo literário, a fase barroca desenvolve o sentimento intenso em relação à existência humana com seus conflitos entre o divino e o terreno, o pecado e o perdão, estabelecendo assim, um período de formação na cultura brasileira com a influência do pensamento português. A poesia se expande, qualificando Gregório de Matos o precursor da nossa independência de pensamento. É o momento de transformação na literatura brasileira. É o período em que a influência portuguesa, a mineração, a arte de Aleijadinho e as lutas dos Inconfidentes invadem os costumes da época, e as pessoas se preparam para uma nova era. A partir de então, o desenvolvimento econômico do país cresce em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, transferindo para os intelectuais da época, o gosto e o orgulho pelas riquezas do lugar. Antonio Candido (1997, p. 25), em seu livro *Iniciação à Literatura Brasileira*, aponta a obra de Sousa Nunes, um jovem do Rio de Janeiro, “Discursos Políticos – Morais”, publicada em Lisboa, como algo inusitado que criticava o reino e falava da falta de oportunidades do brasileiro. Assim, os jovens que iam estudar na Europa, regressavam com outra maneira de pensar, propondo mudanças políticas. Cria-se, então, nova consciência intelectual, provocando o movimento repressivo e a proibição de livros estrangeiros. No entanto, ocorre aumento substancial em bibliotecas que surgem na Colônia. E com isso, os poetas considerados subversivos se juntam com o mesmo propósito, a idealização da liberdade, “*Libertas Quae Será Tamen*”. Assim, o Rio de Janeiro também se integra com bastante ênfase nos primeiros momentos do século XIX na literatura.

A partir das influências européias cresce o público de leitores. E com a expansão do setor econômico surge na cidade carioca um tipo de comércio que desenvolve ritmo de

vida pluralizado na demanda dos aspectos culturais e sociais do mundo inteiro: o mercado do livro. Dessa forma, a cidade do Rio de Janeiro adquire grau maior no conhecimento e se posiciona frente ao mundo com sapiência e desejo de controle da situação social e política do país. E é notável a organização das pessoas que através dos livros recriam o seu *habitat* natural sob nova ótica social para definir o seu lugar na cidade e ultrapassar seus limites interagindo com o universo.

Com isso, no início do século XIX, o romance entrou no Rio de Janeiro através de livreiros que pretendiam ampliar a venda do livro inglês e francês, conforme esclarece Guardini (2006, p. 50), em seu artigo “A rota dos romances para o Rio de Janeiro no século XIX”. Daí a grande importância das boticas, livrarias e bibliotecas cariocas por onde circulavam as publicações. Considerando esse trânsito comercial, o Rio de Janeiro se transformou em palco da literatura no século XIX e foi através dos portos fluminenses que o livro construiu o caminho para consolidar a consciência social e intelectual que estava por acontecer.

2- 1808, O Império no Rio de Janeiro

Com a revolução industrial, as transformações ocorreram no mundo inteiro e toda a base tecnológica apontava o progresso da ciência. As máquinas desenvolveram trabalho promissor com rentabilidade lucrativa e impacto social. O aparecimento das indústrias foi altamente significativo para o desenvolvimento econômico e cultural na vida das pessoas. A modernidade começa a ganhar forma, modificando as relações econômicas e colocando a Inglaterra como modelo nas práticas industriais. Com efeito, a Inglaterra conseguiu expandir seu capital e seus navios já estavam em quase todos os lugares do mundo.

De olho nos mercados latino-americanos e preocupada com a idéia de Napoleão invadir Portugal e com o possível conforto da França em tirar proveito das colônias portuguesas, em especial o Brasil, a Inglaterra se compromete na proteção da transferência da Família Real para o Brasil. Então, em março de 1808, Dom João VI e sua corte se instalam no Rio de Janeiro, anunciando o Brasil como sede do governo português. Recebidos com festa e expectativas de dias melhores, a Família Real instaura novo cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. A Inglaterra permanece na proteção, com uma divisão naval no Rio de Janeiro. A vida carioca vai se adaptando com o Império centralizado em seus dias. As festas, os salões,

os saraus demarcam nova estrutura de vida num povo com necessidade de progresso e bem-estar social.

Candido (1997, p. 38) conclui que, a partir de 1808, a cultura brasileira ganhou muito. Houve avanço no setor econômico, social e cultural através da abertura dos portos, a criação de escolas de ensino superior, bibliotecas, associações científicas e literárias, tipografias, jornais, revistas e teatros. O processo de urbanização do Rio de Janeiro, então, desencadeou grande êxito, conseguindo, sistematicamente, tirar o Brasil do isolamento do mundo. Além disso, o aumento na circulação das pessoas no entorno da cidade promoveu grande apelo para o crescimento intelectual. Guardini (2006, p. 54) relata que o número de pessoas aumentava gradativamente no Rio de Janeiro desde 1808, dentre as quais, agentes comerciais, estrangeiros, atacadistas, viajantes e que direta ou indiretamente contribuíram para o progresso da cidade e, sem dúvida alguma, para todo o Brasil.

3- Uma casa, um livro e as mulheres no século XIX

Quando o Brasil foi elevado à condição de Reino Unido de Portugal, em 1815, o mundo estava ligado em alguns fatos que cronologicamente mudavam, reorganizavam, incentivavam e tentavam estruturar a vida de todos, criando condições básicas de sobrevivência para assegurar os direitos e deveres das mais variadas classes e categorias sociais. Da França surgiam as primeiras idéias intelectuais, filosóficas e literárias do período. Grandes acontecimentos marcaram o ano de 1815: Napoleão é derrotado em Waterloo e Alexandre I, imperador da Rússia, cria a Santa Aliança, tratado com a Áustria e a Prússia, para defesa das monarquias. O Congresso de Viena tentava reorganizar a Europa. Simon Bolívar sonhava com uma América independente e a Inglaterra ditava as regras na era da industrialização. Diante desses acontecimentos, foram inevitáveis as transformações ocorridas no Brasil em todos os aspectos sociais, econômicos e culturais para a construção de ideologia própria.

Candido (1997, p. 34) aborda a questão ideológica entre o fim do século XVIII e o advento do Romantismo no ano de 1830. O pensamento humano tenciona a buscar seus verdadeiros valores e a questionar os fundamentos da modernidade em relação à qualidade de vida e aos anseios individuais. Verifica-se, nesse período, a valorização da consciência intelectual, que permitiu benefícios consistentes para elaboração de nova temática com traços descritivos da sociedade e do mundo interior de cada um. Assim, o número de homens cultos

aumenta e o estilo de vida acelera o crescimento urbano. Os espaços domésticos intensificam a qualidade do ambiente familiar. Um lar confortável, harmonioso, filhos saudáveis e uma esposa afetuosa, fiel ao marido e, conseqüentemente, uma companheira na vida social para todos os momentos da vida.

Com efeito, a casa determinava o espaço primordial da convivência social e marcava o primeiro ponto central da vida participativa da mulher na sociedade brasileira. No século XIX, com a demarcação dos limites da mulher e a privatização da família, a casa tornou-se mais ampla, confortável, criando divisão social entre a classe mais abastada e o povo. Dessa forma, os saraus, jantares e festas que aconteciam nas salas de visitas e nos salões caracterizavam a linha divisória entre o lar e a rua, em que o comportamento da mulher estava submetido aos olhares da sociedade burguesa e que levariam a evolução do pensamento feminino através da leitura de poesias, romances e dos sons do piano ou harpas, conforme relata Priore (2004, p. 228).

As mudanças, em termos de comportamento das mulheres, ocorreram através dos livros e da educação, que a partir de 1820 ganhou um pulso, alimentando o desejo feminino em frequentar as escolas. Quando D. João VI e parte da nobreza retornaram a Portugal em 1821, as mulheres já lidavam com as cartas e se correspondiam em várias línguas apreciando o gosto pela leitura. E no primeiro Reinado em 1822, o Brasil ainda vivia com uma política conservadora, que atendia aos interesses da aristocracia: manter a escravidão e estar economicamente dependente da Inglaterra. Surgiram, então, as divergências de idéias, com os liberais radicais que propunham a libertação dos escravos, a nacionalização do comércio, a expropriação dos latifúndios improdutivos. Esses radicais liberais eram artesãos e pequenos comerciantes que tiveram apoio de médicos, advogados, jornalistas, negros e mulatos livres. Dentro dessa ideologia, surge na mulher o desejo de ampliar o seu lugar social fora da casa e dos afazeres domésticos. A escola normal passa a ser a exteriorização dessa mulher do século XIX, porém os usos e costumes da família burguesa variavam em relação ao posicionamento feminino, pois, enquanto algumas ingressavam nas escolas, outras que não atendiam o desejo dos pais com casamentos rentáveis, iam para o convento ou sonhavam com grande amor. Contudo, apesar da vigilância das famílias, a mulher passou a se valorizar e a desejar a sua ascensão social. Priore (2004, p. 236), mostra a mulher dentro da constituição familiar e as influências recebidas por elas através dos livros. Porém, até antes mesmo desses sonhos e semelhanças com as heroínas de livros e da visão romântica de Joaquim Manuel de Macedo, em *A Moreninha*, em 1844, e *Os dois amores*, em 1848, com descrição de costumes e tradições da sociedade daquela época, a mulher já se abastecia de cultura com grandes

conhecimentos e mostrava através do próprio livro a sua força e o seu desejo de superação entre conflitos de idéias, vontade própria e sentimento solidário. Conseqüentemente, essa mulher, conforme relata Priore (2004, p. 405), aparece, através de Nísia Floresta Brasileira Augusta que, em 1832 publica um livro da versão francesa da escritora inglesa Mary Wollstonecraft: *Vindications for the rights of woman*, de 1792, sob o título *Direito das mulheres e injustiças dos homens*. Nísia Floresta era republicana e abolicionista. Nos livros que publicava, portanto, reivindicava os direitos femininos e exigia sempre igualdade e educação para as mulheres.

Certamente, o século XIX veio consolidar a expressão feminina na sociedade brasileira e, mediante a leitura de tais livros, outras mulheres seguiram o exemplo de Nísia Floresta em vários setores no espaço social, seja como mães, educadoras, parteiras, médicas, escritoras, artesãs, funcionárias nas indústrias que começaram a surgir, enfim, fora do palco da casa onde o princípio ideológico feminino interagiu com o mundo dentro do seu apelo sócio-econômico e cultural.

Todavia, essas mulheres que desde o início do século XIX conciliavam suas atividades domésticas - lavar, passar, cozinhar, cuidar da casa, dos filhos, do marido ou, até mesmo, cuidar de si próprias, quando moravam sozinhas - com sua profissão ou o trabalho solidário, continuarão existindo por todos os séculos. No entanto, vale salientar que essa força, essa disposição, esse clareamento nas idéias surgiu no século XIX, através dos livros, da leitura, da educação e do trabalho. E, sempre que alguma mulher, ao recusar informação e ignorar sua capacidade de conhecimento, sede de cultura e vontade de querer ir além, estará sempre sob o jugo de alguém. Tanto é que, possivelmente, as circunstâncias vividas pelas mulheres no final do século XVIII, até o século XIX, anularam suas participações, não só na literatura, mas no contexto social, econômico e político brasileiro. Hahner (1970, p. 8) aponta essas considerações quando revela que a história das mulheres estava perdida e que tinha de ser recuperada. Tanto que Woolf (1985, pp. 42-46) traça, ainda, o itinerário da mulher, não só na literatura, mas em todos os sentidos da vida, ressaltando sempre como é importante à luta de cada dia da mulher e, sobretudo, a importância de ter um teto. Esse teto em linhas gerais também vai ao encontro da construção do espaço social, ao latifúndio urbano, ao desenvolvimento das cidades e à privatização da família demarcada através da casa. Casa essa que nos reporta à história de formação do povo brasileiro, quando na Carta Régia, de 1721, conforme relata Muniz (2003, pp. 93-94), D. João V determina o assentamento das famílias para controle da população das Minas, mantendo assim a ordem colonial. No espaço social, a casa, além de ser o ponto disciplinador, é também estabilidade social, que, no início da

construção das sociedades brasileiras era o limite, a divisão social, econômica, política e cultural entre as pessoas. Dentro dessa lógica, o livro, mais precisamente a leitura, passa a ser o primeiro ponto de apoio das mulheres para se tornarem seres participativos na história de um povo. Com isso, a partir da casa construiu-se nova mentalidade em função da divisão das obrigações e da socialização da mulher. Essa socialização veio com a função educativa que contribuiu no processo de construção intelectual da mulher, colocando-a no campo da literatura. A esse princípio – casa, a mulher é devolvida à história para compor a história para a História e estabelecer a sua estrutura social e cultural na história.

4- De Minas uma estrada literária no século XIX

No contexto histórico brasileiro, Minas Gerais marca sua presença na literatura a partir do movimento da Inconfidência Mineira. Segundo Lucas (1998, p. 8), no século XVIII inicia-se o período de formação de Minas Gerais devido à importância do ouro para o setor econômico do país e em consequência da corrida do ouro, Minas Gerais tornou-se conhecida tanto no Brasil, quanto no mundo inteiro. A garimpagem trouxe aventureiros e sonhadores, incluindo entre eles os cristão-novos, descendentes dos judeus portugueses. Com a fundação da Província de Minas Gerais, houve evolução significativa na cultura nacional, pois começou a surgir o conceito de brasilidade e as idéias revolucionárias se afloraram, criando o espírito de renovação. Durante esse período, organizou-se o movimento de libertação, apoiado nos ideais do Iluminismo. Minas Gerais tornou-se o ponto de encontro dos poetas brasileiros que se organizaram para contestar o sistema colonial, juntamente com personalidades ilustres, aliadas aos cristão-novos, que tiveram representação marcante para o processo da independência que aconteceria mais tarde. Instaurou-se, pois, em Minas Gerais, a consciência política que entrou para a história do país e que acrescentou pontos favoráveis na literatura brasileira, ou seja, numa retrospectiva cultural, há de se ver que através da herança barroca, o mineiro se posicionou no cenário literário com várias nuances, demonstrando um tempo além do seu. Tudo isso possível principalmente nas obras do Aleijadinho e na poesia de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que apresentam estilos marcantes, sensualistas, com linguagem forte e, às vezes, confusas, porém de bastante valor poético, fundamentada na questão da nacionalidade. Outros poetas manifestaram-se nas terras mineiras, desencadeando várias possibilidades de expressão. A temática ora se submetia à vida familiar, com seus costumes, ora discutia as questões sociais do homem, porém representando sempre um sentimento comum, ideológico, aguçando o desejo de liberdade.

Ao longo desse período, o século XIX inicia-se com os ideais republicanos avançados e destacando assim o sul e o noroeste de Minas no espaço cultural, político, social e econômico do Brasil. Já no início do século XIX, a mineração apresentava os sinais da decadência, provocando o abandono das vilas nos arredores de Barbacena, Vila Rica, Mariana, Catas Altas, Sabará, entre outras, como relata Ellis (1997, pp. 7-18). A partir daí, surge a valorização da agricultura, embora, com a Corte no Brasil, algumas medidas fossem tomadas para evitar a decadência da mineração. No decorrer desse século, a partir de 1832, várias companhias estrangeiras e nacionais investiram seus capitais na mineração, ainda segundo Myrian Ellis. No entanto, apesar do espírito aventureiro, da busca da riqueza através do ouro, a lavoura passa a dominar o cenário econômico da época. A produção de café, então, domina as mineiras províncias.

Minas Gerais vive período promissor. Até mesmo a cultura é incentivada e, sobretudo, a poesia ganha os espaços urbanos e o ensino torna-se primordial nos costumes mineiros que se antecipam em preservar a cultura local e impulsionar o estudo literário. Cintra (1982, pp. 37-150), por exemplo, registra a homenagem recebida por D. Pedro I, no ano de 1831, na cidade de São João Del Rei, em forma de poemas. Cintra refere-se também ao Curso de Literatura na cidade, ministrado pelo padre português Francisco Freire de Carvalho. Dessa forma, acentua-se a importância da região no cenário literário e na preservação da cultura, quando em 1883 é publicada crônica sobre as Folias de Reis, que aconteciam por volta de 1860. Numa época em que a poesia reinava e a mineiridade explodia mudando os caminhos da consciência social e política, o romance toma forma e segue adiante diversificando a literatura e formando os ideais de liberdade e justiça social, como bem determina Coutinho (1997, pp. 232-233). E, segundo ainda Coutinho (1997, p. 237), além da literatura, não somente os mineiros, mas vários intelectuais, sob influência francesa, tentaram de certa forma acrescentar ganho maior em nossa trajetória artística, no caminho da música, da escultura e da pintura, por exemplo, inspirados pelos ideais de liberdade e desejo de justiça. Através de Lucas José de Alvarenga e Bernardo Guimarães, a literatura das Gerais desvendou sua própria história e, por conseguinte, deu ao povo mineiro alicerce positivo nesta estrada em que as produções aos poucos foram se dispersando do cenário masculino e inserindo a mulher no mundo da literatura, porém sem registro na história brasileira do período. Vale lembrar que somente algumas obras escritas por mulheres foram mencionadas a partir das décadas de setenta e oitenta daquele século e que as primeiras influências recebidas pelas mulheres no mundo da escrita se deram a partir das leituras de textos de jornais que algumas famílias de

grande poder aquisitivo resguardavam com assinaturas. As mulheres que primeiramente se envolveram no campo das artes eram todas de classe abastada e, conseqüentemente, por conta da participação em reuniões familiares, saraus, grêmios literários e instituições de assistências, foram se comovendo com as histórias contadas pelos homens ou vivenciadas por elas. Assim, nasceu o espírito solidário, a sede de justiça em defesa dos menos favorecidos entre tantas causas sociais, o que beneficiou o posicionamento dessas mulheres de modo eficaz numa sociedade exclusivamente masculina. Em decorrência às várias possibilidades de ingresso nas atividades sociais, políticas e culturais, as mulheres do século XIX vêm nos jornais grande aliado para suas causas. Sendo assim, cresce o número de publicações de periódicos escritos por mulheres seguindo uma temática até então pouco abordada na época, ou seja, a luta pelos direitos femininos. A mulher agora deixa de ser artigo de luxo ou mais uma peça doméstica para se tornar membro participativo da sociedade, dotada de faculdades intelectuais para ajudar na construção do mundo novo. A partir do século XIX, a educação ganha outros rumos e a lei de 15 de outubro de 1827 dá à mulher o direito à instrução nas escolas de primeiro grau.

Com a expectativa de um espaço para as mulheres através da escola, a cidade de Campanha, no Sul de Minas, avança nos rumos da educação. A partir de então, a permanência das mulheres em bancos escolares torna-se freqüente e o século XIX surge assegurando enorme confiança quanto aos desígnios da história das mulheres e colocando o Sul de Minas dentro dessa construção. Francisca Senhorinha, professora em Campanha, cria em 1873 um jornal intitulado *O Sexo Feminino*, voltado às causas sociais e aos interesses da classe feminina. Ao longo desse caminho percorrido pelas mulheres, Francisca Senhorinha, além de professora, diretora de escola e dona de jornal, marca também a representatividade da escrita feminina no campo da literatura. Como já mencionei, mas aqui cabe ainda ressaltar, no ano de 1886, junto com sua filha, Albertina da Motta Diniz, Francisca escreve *A Judia Rachel* e com isso intensificou a presença do estado de Minas Gerais no campo da literatura.

A estrada literária construída pelos mineiros, desde a Inconfidência, reproduz, portanto, toda a sensibilidade humana que, ao se valer de uma linguagem simples, corriqueira, melancólica e às vezes confusa, interage nos âmbitos da história. Entretanto, no contexto social, a trajetória da participação dos autores mineiros dentro da literatura no século XIX, coloca Bernardo Guimarães como o iniciador do regionalismo romântico, conforme afirma Coutinho (1997, p. 273) e considerando que, a partir de 1862 instaura-se uma onda de narrativas de costumes regionais, Francisca Senhorinha vem nessa vertente na história do romance, porém de costumes orientais.

5- O movimento feminista: seu código

A participação da mulher na escrita pode confirmar um longo período para grandes descobertas e interrogações. O discurso feminino e sua inserção na literatura operam de maneira sutil sobre uma cultura que esteve totalmente voltada ao paradigma masculino. Segundo Barthes (1997, pp. 39-45), “o signo apresenta uma série de termos afins e dessemelhantes que varia de autor para autor”, portanto a construção textual na narrativa feminina tratando de suas questões e de seus direitos permitiu nova ordem de significação. A importância do movimento feminista dá-se pela preocupação da inclusão da mulher no mercado de trabalho e do progresso social, o que não invalida certas especificidades, no sentido de valores, intenções e construções do imaginário da mulher.

Através da educação e do voto, a mulher encontrou outro destino. O eixo pragmático do discurso feminino em relação ao voto e à educação reúne, por conseguinte, significados até então não cultivados. Os movimentos feministas, por exemplo, revelaram nova postura da mulher, retratando suas ações no lar, na sociedade e perante o progresso. Dessa forma, o trabalho seria o alibi para torná-las independentes dos homens, pois, somente assim, as mesmas estariam ultrapassando o plano doméstico. E esse discurso vem, é claro, permeado pelo viés ideológico. Assim, a postura da mulher ao retratar os fatos sociais revelava ainda a natureza do sujeito que emite o discurso. A visão feminina sobre sua realidade circundante, no entanto, voltava-se para as questões entre o perder e o ganhar, e as reflexões dadas ao trabalho e à emancipação.

Duarte (2003) declara que o ápice do movimento feminista rompeu as barreiras da intolerância. Assim sendo, algumas mulheres que se apoiaram no movimento feminista para divulgar as suas idéias usaram os jornais, criação delas, como questionamento radical da realidade. A partir de então, a natureza do discurso feminino através de sua simbologia sempre procurou as diversas facetas da problemática social. Nesse processo, o cotidiano feminino caracterizou-se numa concepção lúdica em que suas ações apresentam figurações analógicas, a ponto de, ainda conforme Duarte, a palavra “feminismo” transformar “a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia, e muitas mulheres escritoras e intelectuais, esconderam suas idéias temendo serem rejeitadas”. Nessa articulação, a luta das mulheres perdeu muito com isso. Duarte afirma categoricamente ser prejudicial às novas gerações desconhecerem “a história das conquistas femininas, os nomes das pioneiras, a luta das mulheres de antigamente que, de peito aberto, denunciaram a discriminação, por acreditarem que apesar de tudo, era possível um relacionamento justo entre os sexos”.

Segundo Constância Duarte, a história do feminismo é pouco conhecida porque quase não é contada e tudo que se declara são as conquistas mais recentes. Com as considerações que feminismo deveria ser compreendido como ação contra a opressão e a discriminação da mulher, percebe-se então uma variedade de signos abordando a trajetória histórica e cultural da mulher articulando entre o dominado e dominador. Nesse sentido, os atos do discurso feminino comungam-se com a compreensão dos direitos das mulheres, direitos civis e políticos. Valendo-se das idéias de Foucault, sobre linguagem, discurso, poder e subjetividade, a pesquisadora Sargentini (2004, p. 113), considera que “o sujeito não preexiste ao discurso, ele é uma construção no discurso, sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer, quando e de que modo”. Assim, toda a simbologia permite situar o universo feminino dentro de uma questão social, criando uma infinidade de fatores que naturalmente convergem no caráter intencional do discurso. Com esse sentido, Francisca Senhorinha da Motta Diniz sempre insistiu em um ponto chave: a conscientização das mulheres dos seus direitos e sua declaração em 1873 assim rezava: “é inegável que a mulher vive na mais completa ignorância de seus direitos, desconhecendo até aqueles em que a legislação do país a considera solidária (outorga na alienação de bens imóveis)”³. Ora, analisando as contradições da vida de algumas mulheres, as diversas modificações que ocorreram em seus comportamentos, em virtude do movimento feminista, é provável que ainda hoje, algumas delas, estejam vivendo em condições desfavoráveis.

Nesse caminho, as lutas e as reivindicações que os jornais de autoria feminina fizeram do movimento feminista, qualificam a ampliação da revolução do pensamento de todas as mulheres. Com isso, o código da libertação busca nas letras e nas artes, de modo geral, a simbologia na desconstrução da ordem social. Todavia, a mulher em si, passa a ser o signo de uma nova era. O corpo da mulher, a sua figura, passou a ganhar espaço numa sociedade que apenas se voltava para a presença masculina. Essa figura, seja de machona, mal amada, briguenta e feia, seja de pura, casta, singela, desejada e faceira, começava a ganhar lugar na sociedade e já demarcava o seu terreno na era da modernidade, ameaçando o equilíbrio masculino. A presença da mulher, pois, desenvolveu a criação de um enigma em todo seu entorno, provocando questionamentos. Então, a mulher adquiriu equilíbrio emocional e transformou suas próprias experiências numa jornada visceral de suas reivindicações.

³ DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. *O Sexo Feminino*. Campanha, 25/10/1873.

Sendo assim, Aparecida Maria Nunes (2005, on-line) afirma que, “criada para o casamento, a mulher brasileira, já no final do século XIX, empreende esforços para participar da vida política, tendo o direito de escolher representantes para o Governo”. Essas reflexões permitem conciliar o movimento feminista ao engajamento das mulheres na vida social e política revelando as premissas da inserção do discurso feminino na literatura.

CAPÍTULO II

O DISCURSO FEMININO ATRAVÉS DA CRÍTICA

1- Nós, Vós, Elas...

As alternativas em busca de um projeto para desenvolvimento do Brasil se esbarram em um paradoxo sincronizado com o sistema político e a situação econômica vivida pelo país desde o período de sua formação. Haja vista que a partir das idéias liberais entre as reuniões secretas e manifestações populares, a nação nem sempre se prendeu ao objetivo de se conhecer como terra, como povo, dentro de suas próprias raízes para organização de novas estruturas administrativas em benefício da criação de um país melhor, com condições favoráveis de sobrevivência para a população em geral. Hoje, vários são os desafios a serem superados em relação à distribuição de renda, às desigualdades sociais, à violência, à educação e ao saneamento básico.

O século XIX, além de toda representatividade na programação sócio-econômica e cultural do país, abriu um leque de possibilidades nos setores em fase de crescimento (artes, ciências, psicologia, política). E a história literária brasileira, que marcou a nossa nacionalidade e a valorização de nossa origem, determinou, por várias décadas, o apogeu masculino. Com efeito, de acordo com Hahner (1970, pp. 24-29), as mulheres estiveram ausentes da nossa história por muito tempo e muito pouco foi revelado de suas vidas e participações no processo de construção da nação. No entanto, Hahner chama a atenção para os relatos de viajantes que informaram que, após a chegada da família real ao Brasil em 1808, a influência européia determinou a mudança de comportamento das mulheres brasileiras. Sendo assim, durante a primeira metade do século XIX, as manifestações de reações femininas foram surgindo a partir do teatro e dos passeios ao ar livre. Aos poucos as mulheres ingressavam na sociedade e, a cada dia, se envolviam nos problemas sociais. À medida que as novidades surgiam, as lutas políticas fervilhavam, assim declara Margarida de Souza Neves (1991, pp. 13-16) e a partir de 1870 com os movimentos abolicionistas, as mulheres da classe alta começaram também com suas lutas e os jornais ofereceram o primeiro caminho para que as preocupações femininas corressem o mundo de canto a canto.

Com efeito, mulheres de classe alta, mulheres de origem humilde, ex-escravas e artistas, a partir do século XIX, caminharam com novo andar diante do surgimento do progresso social, econômico e do avanço da ciência em todas as nações. Francisca Senhorinha, através do resgate efetuado pela pesquisadora Aparecida Maria Nunes, ao estudar o semanário *O Sexo Feminino*, ressalta o discurso inflamado de sua redatora, que já em 1873, no primeiro número do jornal, citava a educação das mulheres, como arma de combate. Francisca Senhorinha escreve:

O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais da metade dos males que os oprimem é devido ao descuido, que eles têm tido na educação das mulheres e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste da casa, grosseiro e brusco gracejo que infelizmente alguns indivíduos menos delicados ousam atirar a face da mulher.⁴

A partir de então, a presença de mulheres em jornais, nas escolas, nas fábricas, nas pesquisas científicas, enfim em todos os pontos significativos, de reconhecimento social em função do desenvolvimento e progresso, foi sem dúvida promissor, concreto e ativo. Portanto, ciente de que todo o universo feminino se sobrepõe aos interstícios da história, com infinita propriedade, faço aqui um arrolamento dos principais nomes femininos que no alvorecer do século das luzes representaram as diversas classes sociais oprimidas e que contribuíram para a inserção das mulheres nos mais diversos setores da nação, porém, atendo-me de maneira particular, na presença marcante da professora de Campanha, no Sul de Minas, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, escritora, diretora escolar e fundadora do jornal, *O Sexo Feminino*, cujo primeiro número circulou no dia sete de setembro de 1873. São elas:

- Nísia Floresta Brasileira Augusta, de Papari, no Rio Grande do Norte, professora, republicana, abolicionista, escritora, deixa na história das mulheres brasileiras a arte da escrita como força de reivindicação de igualdade e educação para o sexo feminino;
- Ana Justina Ferreira Néri, de Cachoeira do Paraguaçu, na Bahia, prestou serviços nos hospitais de sangue, durante a guerra do Paraguai, em 1865, e foi a pioneira da enfermagem no Brasil;

⁴ DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. *O Sexo Feminino*. Campanha. 07/09/1873.

- Maria Quitéria de Jesus, do município de Cachoeira, distrito de São José das Itaporocas, atual Feira de Santana, Bahia, mulher-soldado, que mediante a tantas lutas tornou-se heroína da Independência do Brasil;
- Maria Amélia de Queiroz, pernambucana abolicionista, de grande expressão e com bastante experiência em palestras públicas e debates;
- Maria Firmina dos Reis, de São Luís, no Maranhão, primeira autora brasileira de romance;
- Júlia Lopes de Almeida, do Rio de Janeiro, foi jornalista e escritora de sucesso, preocupada com projetos urbanistas, com as condições de ensino e educação das mulheres;
- Maria Augusta Generosa Estrella, do Rio de Janeiro, primeira brasileira a se formar em medicina, nos Estados Unidos, em 1881, muito lutou para despertar nas mulheres brasileiras o gosto pelas pesquisas e estudos científicos;
- Ana Aurora do Amaral Lisboa, do Rio Grande do Sul, professora, feminista, abolicionista e republicana, defendeu publicamente idéias liberais;
- Josephina Álvares de Azevedo, de São Paulo, irmã do poeta Álvares de Azevedo, fundou em 1888 o jornal *A Família*, que tinha como objetivo desenvolver nas mulheres o gosto pela leitura e divulgar idéias pela emancipação das mulheres;
- Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, de Porto Alegre, escritora, fez da escrita um instrumento para reivindicações das causas femininas.

Há ainda uma série de nomes de mulheres ilustres que possibilitaram o crescimento intelectual e participativo do sexo feminino. Em virtude disso, estudos e pesquisas estão sempre à procura da identidade feminina. Tanto é que, as pesquisas em relação à história das mulheres têm o propósito de ilustrar a presença feminina no que se refere às transformações no comportamento humano proveniente dos movimentos feministas em todo mundo. Diante de tais acontecimentos, o fluxo social ligado ao pacto de uma herança tradicional e a evolução de uma ideologia abolicionista, republicana, gerou novo ponto de partida nas produções literárias que pôde, ao longo do caminho das interpretações, construir dois sentidos de criação e, conseqüentemente, diferenciando os dois sexos.

Assim é que, a partir de 1970, tornou-se viável uma reflexão quanto ao papel da mulher na história. A importância da noção de gênero dentro da literatura não apenas para definir a diferença sexual, mas para que de forma plena e coerente considere as narrativas

escritas por mulheres no contexto histórico brasileiro fundamental. Segundo Hahner (1970, p. 23), “a história das mulheres pode levar-nos a alguma coisa de maior extensão na história humana”. Já Priore (2004, p. 9) afirma que, “as transformações da cultura e as mudanças nas idéias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher”. De todo modo, retirar a mulher da condição de objeto se faz necessário, uma vez que, no conteúdo da história tanto homem quanto mulher são agentes construtores da história. Diante disso, a articulação das duas esferas de gênero compõe toda a trajetória política, social e cultural de uma nação. No entanto, vale salientar a importância dos movimentos feministas para propagação das idéias e inserção das mulheres, não só na literatura, mas nos mais variados setores. E toda reflexão que a cada novo ano se faz em relação às participações femininas dentro da sociedade demonstra que não foi criada uma pátria de mulheres permeando apenas seus desejos, suas angústias, suas falas, mas acima de tudo um universo de linguagens, em que se encontra uma infinidade de oportunidades.

A amplidão dos valores significativos tanto da natureza masculina quanto feminina caracteriza-se exclusivamente no impacto produzido do limite de cada um que, sob o aspecto social, acaba sempre se questionando num enigma do passado. Talvez esse enigma esteja ligado à identidade própria de cada sujeito que venha desmembrar uma dependência para realização de uma linguagem única. Assim sendo, elas, ou melhor, as mulheres foram se construindo, se revelando e, aos poucos, hoje se pode observar, com outra ótica, fatores do cotidiano delas. Sem expectativa de encontrar um mundo necessariamente feminino, mas com atitudes, comportamentos, decisões e, sobretudo, postura numa sociedade que aos poucos vem deixando de ser machista para se tornar mais solidária.

No quartel do alvorecer do século XIX, a literatura se detém nas suposições masculinas dentro do mundo feminino, ou seja, autores como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, entre outros tantos, que mostraram esse universo aliado ao domínio imperado da época. Porém, mediante as idéias européias, a visibilidade feminina tomou rumo e através das lutas do movimento feminista, da pessoa de Nísia Floresta e do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, em 1859, as atitudes femininas, de certa forma, se modificaram. A partir daí, a presença das mulheres nas tipografias tornaram-se mais constantes, quer nas colaborações, nas edições, ou mesmo como proprietárias de jornais. Assim, a escrita feminina se desenvolveu com mais consistência e as mulheres puderam se expressar, mostrando a sua consciência no discurso. É provável que os temas escolhidos pelas mulheres no ano de efervescência feminina não se prendeu às histórias de amor, decepções ou esperanças dúbias, como as descritas pelos autores masculinos, cientes

do conhecimento das aspirações femininas. Numa rápida análise de *Úrsula*, Priore (2004, p. 413) relata que apesar de ser uma história de amor, entre uma jovem e um bacharel em direito, o romance percorre o mundo dos escravos, com as lembranças da África, seus usos e costumes, onde a heroína é perseguida pelo vilão, seu tio materno, dono de terras e escravos. E, dentro de uma linguagem totalmente feminina, pode-se perceber a sensibilidade humana, descrevendo a presença de uma personagem negra com idéias próprias e autonomia em suas ações. Priore (2004, 414) ainda esclarece que, dez anos antes de *Úrsula*, a presença de negro na literatura era bem sutil, como um cão fiel. É que somente depois de 1870, o número de personagens negras nos romances crescia e junto com elas crescia também o medo da classe dominante do Império, ou seja, o negro era um perigo ameaçador. Em 1869, continua Priore, quando Macedo publica *Vítimas e Algozes*, mostrando que o escravo não é mais um cão fiel e sim uma serpente pronta a dar o bote, a mesma, volta ao livro de Maria Firmina, onde na narrativa há uma explanação do mundo africano, as relações de família e o posicionamento da mulher branca na sociedade da época. Tudo isso, ocorre no momento de absoluta consciência da mulher e o seu papel no contexto social. Sob essa ótica, é natural os inúmeros artigos, relatos, depoimentos e livros de autoria feminina se misturando, no dia-a-dia das pessoas, acrescentando valores e tomando proporções a perder de vista.

Nesse desdobramento do comportamento feminino, *A Judia Rachel*, de Francisca Senhorinha da Motta Diniz, no ano de 1886, vem como viés ideológico na luta das mulheres pelas causas dos menos favorecidos, pela igualdade social e pela emancipação feminina. O surgimento da escrita feminina no resplandecer do século das luzes e a recuperação dessas obras possibilitaram sua inserção na literatura. Os estudos relativos às Relações de Gênero, pois, buscam encontrar subsídios para entender as veleidades femininas e investigar a produção textual num período que muito representou para o contexto histórico da nação. Por outro lado, é necessária essa integração dos dois papéis, masculino e feminino, na literatura para não possibilitar a criação de tribos e uma tendência a analisar a obra feminina apenas pela diferença sexual. No momento em que ELAS deixaram a cegueira de vários séculos para permanecerem na história, a história volta a avaliar os modelos teóricos na literatura.

2- A Judia Rachel: tempo e espaço do sujeito

Quando o dia recomeçava e a marcha do povo judeu prosseguia na marginal do mundo oriental, Rachel se mostra dentro da história entre o tempo e o espaço do sujeito: “no dia seguinte, mal despontava a aurora, a caravana seguia já a caminho, sem destino, segundo

seu costume, e a moça, na mesma ocasião partia para a habitação de seu novo senhor”. (DINIZ, 1886, p. 2)

Assim, a presença do sujeito situa-se como efeito de modelo da individualidade e constante mudança do espaço localizado e determinante na identificação de um povo. A tônica do romance não é somente mostrar o universo do mundo oriental, mas resgatar a imagem da mulher de origem judia, que dada à condição de povo nômade vai se construindo dentro de cada ambiente revelado na história.

As autoras dividem o romance em duas partes e o conduzem mapeando os caminhos da personagem principal no sentido de sua relação com o poder fundamentado no modelo patriarcal. Evidencia-se então na primeira parte a subjetividade de *A Judia Rachel*. Dentro do aspecto do “eu” da personagem, há um contraponto no âmbito da história. Há grande originalidade na construção textual no ato de fazer a história dentro da História. Na narrativa podemos confirmar os fatos históricos além dos documentos, pois as ações das personagens compõem uma rede de sensações que influem nas concepções da estrutura do texto, “(...)é unicamente para seguir o Alcorão (...) Era a este homem, que fora vendida a judia Rachel(...) Lindos presentes estavam preparados no sclamlík para suas esposas, que eram trez”. (DINIZ, 1886, pp. 2,18-24)

Segundo Veyne (1982, p. 27), “os fatos não existem isoladamente, mas têm ligações objetivas”. Dentro desse parâmetro, percebe-se na história ficcional, situações reais que foram transportadas para a história. Assim, as autoras passam para a narrativa de ficção, os costumes orientais, enfatizando os valores patriarcais e mostrando a mulher simplesmente como objeto, uma mercadoria. Considerando as aspirações dos movimentos feministas, essa negociação da judia e a colocação das três esposas, reforça a idéia da desvalorização do sexo feminino e a diferença de poder. Também as autoras seguem o modelo da época na trajetória das narrativas, o romance regional. Percebe-se, ainda, uma tentativa de superação em relação ao sexo masculino, em se tratando de produção literária. Na mesma época, vale salientar que autores masculinos, entre tantos, como Machado de Assis e Bernardo Guimarães, apresentaram temática local, ao passo que Francisca Senhorinha aponta uma outra cultura, como também o fez Maria Firmina dos Reis, em *Úrsula*.

Segundo Schmidt (2001, p. 9), além de abordar o “modelo pedagógico de construção da nação e da nacionalidade brasileira”, as narrativas escritas por mulheres no século XIX, apresentam também “o caráter fictício de conceitos como cidadania, direitos civis, liberdade e pertencimento horizontal e universal embutidos nesse modelo”. Evidencia-se então no romance *A Judia Rachel* toda essa base de cultura universal que caracteriza a

escrita feminina também como memória histórica. E nesse sentido, continua Rita Schmidt, “é por essa razão que a revisão dessa memória em termos de sua historicidade e dos efeitos de suas representações na produção textual e social de subjetividades se reveste de importância esse conhecimento da memória”.

Sendo assim, as transformações nas relações de gênero mostram todo o entorno da escrita feminina como parte integrante da esfera social, buscando dessa forma rever e investigar o rastro das manifestações das mulheres na cultura brasileira. E o tempo apresentado em *A Judia Rachel* vem confirmar o marco da subjetividade feminina num espaço totalmente patriarcal. Então, nota-se que tanto Maria Firmina dos Reis, quanto Francisca Senhorinha, construíram para delinear novo papel da mulher, a partir do momento em que a dicotomia do espaço e tempo profissionalizava os autores masculinos. Nessa herança das produções literárias mediante as conquistas, as mulheres aprofundam seus conhecimentos e mudam também o cânone nacional.

Já Aparecida Maria Nunes⁵ mostra o que há escondido na escrita feminina, “uma história subjacente que guarda, conversa e veicula mitos”. E conseqüentemente, existe na história de Francisca Senhorinha, a presença da mitologia, que faz um paralelo entre o desenrolar da narrativa com o bailado apresentado no harém real, ou seja, Rachel em toda a narrativa procura a filha e o bailado mostra um enredo mitológico “em que Céres procura no monte Etna, sua filha Proserpina raptada por Plutão⁶. Nessa representação da subjetividade específica da Rachel, encontra-se uma estrutura linear entre o individual e o coletivo, que faz entender o grau da inquietação psicológica e as evidências de elementos simbólicos na escrita feminina.

3- Uma certa mulher nos vãos da vida: Rachel

Gotlib aponta em seu artigo que, ao longo do século XIX, a mulher era considerada como fora de lugar, ou seja, aquelas que lutaram para construir o seu espaço próprio. E que no período da *belle-époque* vários romances escritos por mulheres surgiram marcando nova tendência na literatura. As mulheres já questionavam a vida familiar burguesa e apresentavam conflitos sociais e a relação homem-mulher. Como é o caso de *A Divorciada*, de Francisca Clotilde; *A viúva Simões* e *Histórias de nossa terra*, de Júlia Lopes de Almeida.

⁵ NUNES, Aparecida Maria. *Um retrato disforme. A imagem da mulher nas publicações populares*.

⁶ DINIZ, Francisca S. da Motta. *A Judia Rachel*. Rio de Janeiro: José Assis Climaco dos Reis, 1886, p. 27.

A partir daí, encontro através de Francisca Senhorinha, *A Judia Rachel* nos vãos da vida. Sendo assim, a subjetividade de Rachel se caracteriza de forma inexorável diante da sociedade patriarcal.

Rachel se manifesta dentro dessa temática a partir do momento em que a narrativa expõe a sua condição de mulher à de escrava. “Rachel resignara-se; dentro de tão pouco espaço de tempo, tres captiveiros!...” (DINIZ, 1886, p. 47). Considerando, que no século XIX, a mulher vivia completamente nula e que a questão da vida dos escravos negros era também um ponto-chave nos ideais feministas, Francisca Senhorinha transporta para sua narrativa a conduta humana e os valores transversais, numa visão pessoal conforme se vê na personagem Rachel. Ao mesmo tempo em que Rachel representa a mulher oriental, dentro de um costume que desqualifica o sexo feminino, a mesma está inserida no plano universal para denunciar os falsos valores da sociedade. Nesse plano, as narradoras assim colocam a situação da mulher: “A condição da mulher no Oriente, é ser sempre desgraçada, como em todo o paiz onde a religião do Crucificado, não derramou suas benéficas luzes” (DINIZ, 1886, p. 22). Então, a narrativa também está voltada à estrutura psíquica do indivíduo numa dimensão angustiante do sujeito e faz a obra caminhar em estrutura linear, demarcando alguns pontos referenciais: a subjetividade, a coletividade, o marginal, o transcendental e o individual.

Mediante tais colocações, a construção do sujeito vai se refazendo a partir da composição da individualidade da personagem Rachel, que exterioriza a dualidade da vida. O encadeamento das ações individuais para a construção do sujeito implica um questionamento da dialética das identificações. À medida que as narradoras caminham na idéia central do livro, uma mãe à procura da filha, ele se volta para a individualização da personagem principal propondo um questionamento nas estruturas sociais da vida humana. De acordo com Anika Lemaire (1985, p. 229), “o alienado vive fora de si, prisioneiro do significante, vive do olhar do outro sobre si...” Sendo assim, *A Judia Rachel* qualifica a literatura no Brasil no século XIX e transporta para as Relações de Gênero a sensibilidade feminina descrevendo os aspectos sociais que norteavam os quatro cantos do mundo, numa mesma causa, numa mesma ideologia: retirar o que estava à margem da sociedade e propondo reflexões quanto ao papel de cada um, na construção progressista de uma nação. Constância Duarte (on-line), ao abordar Feminismo e Literatura no Brasil, divide as questões femininas do movimento em duas fases; a saber: 1ª - As primeiras letras, que reivindica “o direito básico de aprender a ler e a escrever (então reservado ao sexo masculino)”. 2ª - Ampliando a educação e sonhando com o voto, que faz menção ao surgimento em grande número de jornais e revistas, de autoria feminina, por

volta de 1870, em todo país, com idéias revolucionárias e denunciadoras da problemática social e apresentando a luta das mulheres pela educação, pelo trabalho e pelo direito ao voto.

Francisca Senhorinha se enquadra na segunda fase do movimento feminista, segundo Duarte. Nos vãos da vida, as mulheres, como a judia Rachel, perfilam na categoria das Relações de Gênero, promovendo uma desconstrução do pensamento social para a construção de um outro caminho. Na individualidade da personagem Rachel, a marcha do movimento feminista está inserida numa linguagem objetiva, porém simples e às vezes ambígua. Do ponto de vista ambíguo, há sempre interferências das narradoras para demarcação da história no sentido amplo da palavra, que, às vezes, se dirige para o interlocutor ou para o leitor, provocando questionamentos quanto à atuação feminina nos espaços sociais. Através dessa ambigüidade pode-se perceber um diálogo entre as narradoras prevendo uma dificuldade de compreensão do leitor nos caminhos da narrativa. Observe a construção textual que denota essas incertezas: “... As musulmanas são, em geral, de curta inteligência, e uma moça que soubesse mais dous dedos da fabula, seria tida como um portento” (DINIZ, 1886, p. 25). E nesta outra passagem: “Abramos aqui um parenthesis para explicar a razão porque receiava tanto o bom empregário, o novo captiveiro de Rachel...” (DINIZ, 1886, p. 32). Para advertir depois: “Mas... entretivemo-nos em divagações enquanto Crenvosk e sua mulher conversa...” (DINIZ, 1886, p. 34).

Há uma objetividade na linguagem da narrativa, ao mostrar o mundo feminino no oriente e sua transposição para a ficção. As autoras levam o leitor a questionamentos quanto aos desafios enfrentados pela personagem Rachel. Ao mesmo tempo, o romance oferece um diálogo entre as narradoras, o leitor e a personagem Rachel. O que se pode observar ao longo da narrativa, também, é o diálogo constante das narradoras em relação às causas sociais, envolvendo as mulheres e sua participação. O que marca, sem dúvida, a segunda fase do movimento feminista, a linguagem denunciadora, de combate agregado aos valores civis da sociedade.

4- A consciência revolucionária de Rachel

Cândido (2000, pp. 5-6) revela que a relação entre a obra e o seu condicionamento social está ligado ao texto e ao seu contexto, pois os fatores externos exercem influências na estrutura textual, tornando-se interno. Então, ainda sob a ótica de Antônio Cândido, é necessário pesquisar a totalidade da obra, “a preferência estatística por um gênero, o gosto das classes, a origem social dos autores, a relação entre as obras e as idéias, a influência da

organização social, econômica e política, etc”. Dentro desse parâmetro, Francisca Senhorinha procurou desenvolver em sua obra, *A Judia Rachel*, fatos relevantes de sua realidade, a condição da mulher, não apenas para apresentar características das mulheres brasileiras. A autora, em parceria com a filha, apresenta um romance de costumes orientais. Não há dúvida que a pretensão das autoras era dar voz a judia desenvolvendo a consciência revolucionária da mulher brasileira. A obra possui um rico enredo de aspectos representativos da cultura oriental, guarnecendo das vicissitudes que a vida oferece e permanecendo na esfera das lutas sociais ditadas pelo movimento feminista. A história é um retrato social cuja linguagem denuncia os falsos valores e que serviu de modo direto aos planos reformistas da época e também como arma de combate e de compromisso com a classe dos menos favorecidos, em especial as mulheres e os negros.

Na ficção, Francisca Senhorinha caracteriza *A Judia Rachel* sob três aspectos: 1º) poder e submissão; 2º) amor e ódio; 3º) luta e liberdade. Sendo que no primeiro aspecto há clara preocupação com as atitudes humanas. Através de Rachel, os questionamentos dos movimentos feministas se posicionam perante as adversidades da vida e conseqüentemente multiplicam-se as reações da classe feminina. As autoras denotam preocupação com o individual das pessoas. De fato tudo isso fica claro quando Rachel visita a cabalista que faria leitura de sua sina: “Sultana... infeliz... perseguida por implacável inimigo... invejas... ave do paraíso... amizade sincera... depois muito negro... quase a morte...” (DINIZ, 1886, p. 43).

Sem dúvida, há uma preocupação das próprias narradoras, pois ocorre uma transposição nos papéis, ou seja, as narradoras se colocam na ficção absorvendo a tensão da narrativa. Quem seria na verdade a infeliz e perseguida? Quem seria esse inimigo? No segundo aspecto, as autoras discutem uma sociedade que está sempre envolvida em diversos fatos, mostrando os conflitos históricos e os conflitos individuais numa luta para reconstrução do passado. Uma mãe incansavelmente à procura da filha. A vida oriental aparece na história e a mulher é caracterizada dentro de um modelo social que segue tomado de ação e de compromisso com a coletividade.

A heroína é a mulher judia que representa o sofrimento de outras mulheres e a consciência revolucionária está ligada à forma de expressão da realidade político-social do povo. Um povo nômade, misturado, que vive tentando recuperar a própria história. O livro aborda a luta dos cristãos e as viagens dos romeiros em caravanas. Nessa guerra, as ações são para a reconstrução do futuro, a reconstrução da identidade. Em toda a narrativa são várias histórias dentro de uma história, é a humanização da história. “O sultão Murah, estava então em guerra com os Christãos” (DINIZ, 1886, p. 63).

A obra *a Judia Rachel* é uma narrativa que marca pela originalidade na construção textual e qualifica a polaridade entre dois mundos em processo dinâmico de montagem e desmontagem com associação automática do tempo e espaço. Dessa forma, as personagens, através de suas ações, efetivam os variados modos pela defesa da terra e pela justiça social. O livro denota, com bastante propriedade, os aspectos reais, lado a lado com o ficcional e através de Veyne (1982, p. 27), podemos observar que “os fatos não existem isoladamente, mas tem ligações objetivas”. Tudo isso, encontramos na trama da Francisca Senhorinha que faz um jogo entre realidade e ficção.

Na obra, as autoras discutem uma sociedade que está sempre envolvida com diversos fatos. O pano de fundo da narrativa é a própria História, Cristãos versus Mouros; a peregrinação na cidade santa. A cultura oriental está exposta em toda a narrativa, demarcando a situação de poder e submissão. Os conflitos históricos e os conflitos individuais acrescentam dados importantes na característica textual das autoras. O ano era 1886, são duas mulheres vivendo um período de transformação no país e tentando dar voz a classe feminina. Uma sociedade totalmente patriarcal com recursos reduzidos para a formação cultural das mulheres. Talvez fosse interessante, Francisca Senhorinha abordar costumes nacionais e se preocupar com a verdadeira identidade nacionalista para os costumes da época. Porém vai mais longe seu romance. *A Judia Rachel* ultrapassa seu tempo. A população heterogênea, as classes se integrando dentro de uma pirâmide social, a base econômica em crise, a religião num processo configurativo e o homem como modelo palmilhando a sociedade.

A Judia Rachel talvez fosse, num plano objetivo das autoras, uma conveniência feminina num mercado masculino. Quanto à estética de gênero, Francisca Senhorinha determina, através da personagem Rachel, o papel da mulher em qualquer canto no século XIX, mostrando a autonomia do sujeito estabelecida pela sociedade.

O segundo aspecto da obra, Amor e Ódio, as autoras estabelecem uma aproximação entre sensibilidade e razão, solidão íntima e objetividade, dando ênfase ao universo humano. O discurso produzido das autoras aborda os elementos indicadores do comportamento das pessoas. Através das diferenças individuais de cada personagem pode-se observar o desdobramento da influência social na construção da identidade de cada um.

Na linguagem textual há nova consciência criando situações dramáticas que refletem bem a obsessão do sentimento de amor e ódio, que significa a preocupação das autoras em relação à problemática social. O narrador surge na ficção dentro de um mundo atual, estreitando as relações da própria realidade com as ações de cada personagem. Sendo assim, na narrativa, há uma dualidade gerada pela presença feminina. E a personagem Rachel

se diversifica entre alegrias, tristezas e o descrédito das grandezas do mundo. Dessa forma, surge o que se constitui na mente humana, a teoria do amor e ódio, apresentada a partir do sexto capítulo, da primeira parte do livro. O ódio nasce no coração do emir, pois esperava receber de presente do sultão a Judia, uma vez que fora o primeiro a notar os encantos de Rachel. Porém, o sultão compra a judia para ser a sua quarta esposa. Essa atitude também marca a trajetória do amor e ódio, pois as intrigas no castelo são constantes entre as esposas do sultão para se tornarem a preferida. Com isso, as características exteriores e psicológicas das personagens intensificam de modo direto as indagações que a consciência do homem formula no seu contexto social, como podemos observar através dessa passagem, "... oh!... maldita sina a minha!... Parece que a raça judaica tem sobre si a cólera de Allah!...". (DINIZ, 1886, p. 56)

Os fatos e as ações de cada personagem ordenam o futuro, permitindo um diálogo individual de cada personagem. A linguagem estrutura a objetividade dos fatos. Fato cadenciado em cada situação particular de vida, tendo em vista a contextualização social dos acontecimentos vividos. Qual a razão da vida? Qual a certeza da vida? Onde impera a solidão íntima de cada um? Há uma preocupação com a vida, o mundo e o destino. Os fatos reais se misturam na história fictícia. Tudo isso fica mais claro a partir do nono capítulo, da primeira parte. "... era uma guerra pequena, entre mouros e cristãos..." (DINIZ, 1886, p. 66)

Todavia, não há ruptura com o passado na narrativa. Há um equilíbrio entre a razão e a emoção e os fatos reais compõem em toda a estrutura textual da história para composição de cada personagem... "chamam n'ó o Príncipe Negro. Sabe-se que ocupa um posto elevado no exército cristão". – "Um cristão!... exclamou Rachel consigo; oh!... é elle!... o meu Salvador." (DINIZ, 1886, p. 67)

O terceiro aspecto, luta e liberdade, intensifica mais a história real na ficção que situa a segunda parte do livro, apresentando o quarto capítulo, totalmente tomado pelos acontecimentos reais. Retrata o desejo do imperador da Alemanha em visitar os lugares Santos e tomar posse do reino de Jerusalém. Na guerra dos Cristãos e muçulmanos, a narrativa de Francisca Senhorinha intercala-se entre as ações das personagens. Conta a história que Jerusalém foi o principal assunto das negociações. Frederico, ele próprio, toma a coroa e colocando-a sobre a cabeça, tornou-se rei de Jerusalém. Todos esses fatos reais se incorporam na história fictícia. As autoras mostram os conflitos históricos juntos com os conflitos de cada personagem. A guerra é a imagem da luta pela liberdade. É a transfiguração do real. Os deslocamentos da História para a história compõem-se de imagens que se auto-reproduzem como elementos simbólicos sociais na estrutura do texto para qualificar um novo

tempo. Um novo tempo também da obra fictícia, como podemos observar no quinto capítulo da segunda parte da narrativa... “a guerra estava a decidir-se. No acampamento tudo era alegria pela volta da frota. Os guerreiros tinham-se dividido em grupos... Ao primeiro grupo pertenciam o capitão Roberto e sua mulher...” (DINIZ, 1886, pp. 170-171)

A partir daí, as autoras voltam à história da judia. Há uma retomada do passado e com isso começa a fechar o terceiro aspecto da obra, em torno da procura de Rachel e a confirmação da luta e liberdade. As conquistas e as lutas reais que na ficção reportam para uma luta individual que qualifica intensamente essa liberdade que também procura. Qual procura? A liberdade física, psicológica? De que maneira é contextualizada essa liberdade em cada ser humano?

Na obra, Rachel está prestes a realizar seu sonho e nesse capítulo há a confirmação do possível encontro. É a revelação da identidade da filha desaparecida e a constituição da subjetividade da personagem, numa relação plural entre as autoras, tendo em vista, os fatos reais de uma sociedade e as ações de cada personagem, “Dezessete anos... Ela quase que quer parecer-se contigo Rachel”. (DINIZ, 1886, p.175)

A narrativa de Francisca Senhorinha apresenta as personagens também com atitudes e ações dentro da história real. A busca incessante da mãe, a judia em relação à filha, é a busca individual de cada um. Através das Relações de Gênero, a narrativa não é mais só um jeito de contar história para as mulheres, de coisas ligadas ao seu cotidiano e, sim, a luta de cada um, todos os dias. As mulheres, a partir de Francisca Senhorinha, manifestam outra possibilidade em se produzirem textualmente e coloca dentro da narrativa, cenas de outros costumes, outra cultura para estabelecer um paralelo no que estavam vivendo as mulheres do séc. XIX. Há uma delimitação de terras como há uma delimitação de lugar, sujeito a lutas, conquistas e liberdade. A história ficcional revela tudo isso, intercalando a história real com a narrativa e dentro da narrativa, através da personagem feminina, há uma seqüência de luta feminina à procura de uma liberdade, a liberdade de expressão também.

5- Rachel, a procura do eu

Para Sargentini (2004, p. 32), em análise de Foucault, quanto ao discurso, “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua, nem o sentido podem esgotar inteiramente”. Portanto posso dizer que há uma relação variável no discurso entre o que ele representa e o que ele se propõe e todo enunciado deve ser tratado como acontecimento para analisá-lo e estabelecer suas diferenças, suas relações. Em torno desse propósito, a escrita

feminina e sua inserção na literatura metaforizam uma sociedade completamente fechada, usando uma linguagem que atravessa seu próprio corpo, usando expressões individuais para atingir um coletivo, ou seja, há uma ligação no contexto histórico-social da ficção com a história. A própria procura da Rachel, para se firmar como pessoa, denota em questão uma fusão entre a narrativa e a realidade. Segundo Lúcia Castello Branco (1991, p. 22), o feminino incomoda e o incômodo nos fala de uma outra voz, de um outro tom, de um outro lugar. Então, Francisca Senhorinha nos fala de um outro lugar, de uma outra voz, de um outro tom e Rachel à procura do eu se constitui no âmago da narrativa, Uma voz dentro da sociedade, em busca de sua identificação.

No plano da narrativa, essa procura individual vem desde o prefácio, quando um bebê é encontrado na catedral. O bebê desaparece na narrativa; na verdade ele nunca estivera presente, exceto quando configura a presença do outro, Rachel, em busca do bebê. Na verdade, Rachel sempre esteve ao seu encaixe. Logo no início, o itinerário da personagem é demarcado, dentro de uma falta. O eu é todo fragmentado. Mas toda falta é sempre justificada. “... ela não era uma bambina como o faziam n’ a passar, e sim oriunda de Salonica d’ onde fora roubada da casa de seus Paes que eram israelitas abastados”. (DINIZ, 1886, p.14)

O deslocamento da identidade individual interfere no entendimento da subjetividade. Rachel é o objeto roubado. Fora retirada da casa dos pais e vendida. Aqui, inicia-se o martírio de Rachel e a sua procura.

A temática da obra se desenvolve em torno dessa procura. Já no início Rachel passa por três cativos marcando sua escalada. “... Rachel estremecia a cada palavra da cabalista.” (DINIZ, 1886, p.43)

Há um trajeto confuso em torno das ações das personagens. A história do bebê retorna no décimo sexto capítulo, final da primeira parte. O bebê é a filha de Rachel. E nesse trecho acentua-se o distanciamento individual da judia para o surgimento de uma nova pessoa. Tudo se caracteriza numa retrospectiva real da personagem Rachel para dar continuidade à sua procura. Rachel está em movimento, como a história também está. Há um plano temporal na narrativa que constitui um elo que sinaliza a presença marcante do outro, em busca de seu eu. Agora Rachel não está à procura individual. Pouco importa. Em nenhum momento, a narrativa demonstra Rachel, por exemplo, tentando encontrar seus verdadeiros pais, porque Rachel também fora retirada de seus pais, por bandidos e fora vendida. Rachel segue na narrativa se pontuando como pessoa e se projetando para a construção de uma identidade. O eu atinge, de modo específico, a posição das narradoras. O espaço do outro, ou seja, devolver a Rachel a subjetividade coletiva, ou seja, a história da personagem Rachel passa a ser a

história das mulheres, contada por mulheres. As autoras, portanto, conseguem transferir para a ficção a imagem da mulher com voz. E é essa voz que capacita à figura do feminino. Podemos observar nesta passagem... “a condição da mulher no oriente, é ser sempre desgraçada, como em todo paiz onde a religião do Crucificado, não derramou suas benéficas luzes” (DINIZ, 1886, p.32), então vamos encontrar essa dúvida, essa incerteza, na obra de Francisca Senhorinha, que não está apenas mostrando um texto feminino, mas um texto feminino como uma arma, denunciadora, um combate. A mulher dentro de sua condição, incapaz de desenvolver qualquer função de melhoria, um ser nulo. Na obra, *A judia Rachel*, devolve a dignidade feminina à Rachel. E toda essa construção de sua verdadeira identidade está ligada à procura da personagem Rachel, à sua procura individual. A representatividade das ações de cada personagem, mesmo que atuando de maneira confusa e particular, desenvolve a contextualização da linguagem, a passagem da realidade para a ficção, em que se nota perfeitamente a preocupação das narradoras, com as questões femininas: a mulher é um ser em questão a ser explicado. Nesse mecanismo de produção textual, verifico na narrativa uma redistribuição do lugar do eu na ficção, contrapondo com o lugar imposto pela sociedade. A subjetividade de Rachel vai e volta. Está sempre na ordem do tempo. Com isso, o texto desenvolve um circuito referencial a cada momento, dentro da função de ordenar o papel do outro. A segunda parte do livro evidencia tudo isso, ao mostrar a luta da Rachel em encontrar o seu eu, através da filha abandonada. Segue toda a narrativa pontuando sintonizar essa falta. A concretização da procura é o papel individual transpondo para o coletivo a voz do desconhecido.

6- A escrita feminina em *A Judia Rachel*

O que se diz sobre a escrita feminina? O que se precede na escrita feminina? Como se deve encarar as pesquisas de Relações de Gênero? Para Elódia Xavier (on-line), que cita Showater, o percurso literário de autoria feminina compreende três etapas entre os anos de 1840 até 1960, em que a sociedade patriarcal era totalmente dominadora. Segundo Showater, as etapas seriam: a) Imitação; b) Ruptura; c) Auto-descoberta. De acordo com Elódia, estas categorias não estão demarcadas numa estrutura linear nem seguem um momento fixado, ou seja, uma obra de autoria feminina poderá apresentar as três etapas reunidas, ou uma ou outra. É importante ressaltar que, conseqüentemente pelos fatores sociais vividos pelas mulheres, estas marcas estão presentes em suas narrativas, até mesmo por uma questão de evolução nas suas produções e devido à sua castração no contexto social. No que

se refere a estas etapas para a inserção da mulher na literatura, posso observar que a primeira está voltada à imitação do que era apresentado ao modelo de escrita, a segunda, a era do protesto, das reivindicações, do combate aos preceitos impostos pela sociedade e a terceira, marcada pelo encontro do próprio “eu” feminino em sua construção textual, dentro de uma nova perspectiva, qual seja, a da mulher se capacitar todos os dias, todas as horas, para se colocar no meio social, não para se impor, mas para operar de maneira mais lúcida, coerente e até mesmo abrangente dentro da sociedade.

No ato das produções literárias de autoria feminina e observando as três etapas no desenvolvimento e progresso dessa escrita, acompanhando o raciocínio de Elódia, temos as obras de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula*; Clarice Lispector, *Laços de Família*; Lya Luft, *Exílio*; Márcia Denser, *Diana Caçadora*; Sônia Coutinho, *A liberdade secreta*; Adélia Prado, *O homem da mão seca*, que fazem retrocesso a tais parâmetros, tentando desenvolver com mais precisão e coerência todo emaranhado das narrativas, incluindo as mulheres na literatura brasileira. Elódia considera os caminhos percorridos pelas mulheres na literatura brasileira de forma abrangente e que cada narrativa está inserida num contexto social e que essas mulheres vivenciaram, cada uma delas, uma problemática dentro do seu tempo. Logo, tais produções abordam pequenas diferenças e que talvez essas diferenças sejam indícios desse processo de criação e, com isso, mudaria um pouco o rigor no estudo das relações de gênero. De fato, Rachel Soihet (on-line) alerta para o estudo de Relações de Gênero, não para estruturar a questão da diferença sexual, mas para reavaliar a importância e participação feminina como elemento da sociedade. E quanto à produção feminina, na literatura, mesmo pelo fato de superar a sociedade patriarcal, a mulher aparece para se anexar dentro dos novos padrões. Desde 1840 começam a surgir idéias inovadoras na sociedade, firmando-se ao final de 1860, com o fim do Romantismo. Conclui-se que a partir de 1870, com a chamada Escola de Recife e com o destaque aos ilustres Tobias Barreto e Sílvio Romero, as idéias européias acrescentaram alto teor na literatura brasileira. Com isso, os temas “abolição” e “república” manifestaram-se de maneira significativa nas produções literárias. E essa temática propiciou um ritmo surpreendente nos jornais da época. Devido às informações e ao progresso anunciado, a partir de então ocorreu uma transformação na escrita e em toda a estrutura do discurso. Essa nova tendência ocasionou um avanço considerável nas produções literárias e, conseqüentemente, as mulheres passaram a dividir ou fazer parte desse campo. Todavia, mesmo com a chegada do Realismo não se davam conta do papel significativo das mulheres nas produções literárias. Como bem determina Rachel Soihet (on-line): “a partir de 1970,

surgiram estudos para discutir as Relações de Gênero, uma vez que o tema, nessa época, foi usado para justificar a diferença sexual”.

Essa manifestação em relação à luta pelo poder, às reivindicações e no que diz respeito à escrita feminina, Francisca Senhorinha mantém a sua produção para despertar não só nas mulheres, mas em todo ser humano, as adversidades da vida. A esse intuito a narrativa de *A Judia Rachel* oferece várias possibilidades de caminhos e, sobretudo, a ambigüidade da obra, que por sua vez, descreve a alma de um povo, sua geografia e roteiro de sobrevivência, como também a infra-estrutura social, os laços afetivos. Esta multiplicidade de valores compõe a desconstrução entre as culturas, provocando indagações na mente humana. O contexto da obra nos proporciona essa interpretação como substância que procura o entendimento das relações de gênero, no que visa entender a escrita de autoria feminina e principalmente os percalços vividos pela mulher.

O romance *A Judia Rachel* é uma narrativa que retrata a guerra entre Mouros e Cristãos, mostrando também toda a peregrinação nas terras Santas, à tomada do poder do reino de Jerusalém. O romance usa como pano de fundo a História, as conquistas do imperador da Alemanha, Frederico, para contar a história de uma mulher e como essa mulher recupera a filha perdida. Evidencia-se então no romance, o passado histórico, os cristãos envolvidos em guerra contra os Mouros, uma guerra constante que a todo o momento todos estão partindo, se deslocando. A economia desse povo nômade centralizava no comércio de pedras preciosas, óleo de azeitona, marfim, perfumes e mulheres. Toda essa base econômica, de certa forma, influenciou o caráter social da população. De acordo com Paul Veyne (1982, p. 25), tudo é histórico. Sendo assim, a história não é senão respostas as nossas indagações e o progresso do questionário histórico coloca-se no tempo, o que caracteriza a sua lentidão e marca a subjetividade da história. Dentro desse parâmetro, percebe-se na obra *A Judia Rachel* situações reais que foram transportadas para a ficção, ou seja, os percalços da mulher como mercadoria na luta entre Mouros e Cristãos.

O romance apresenta formas variadas de seus valores e intenções ou de sentimento de justiça. As autoras empenham-se na criação de elementos que conduzem o leitor ao cerne da crítica às experiências vividas na afetividade de cada um. O mundo traduzido pelos interesses coletivos consolida-se na solidariedade que se estabelece através do amor colocado na ficção, a partir do décimo primeiro capítulo, da primeira parte da obra, quando surge uma nova personagem, o Príncipe Negro, guerreiro cristão, cujo nome era Roberto du Pensier. Ao deixar família, amigos para se alistar como soldado da cruz, tinha como missão libertar o túmulo de Cristo e garantir segurança aos peregrinos nos caminhos da terra santa.

O grande marco da narrativa é o amor, a fé, a esperança e a paz que conduzem à história, qualificando a afetividade no ponto de vista mais denso, tenaz, capaz de superar barreiras e alcançar vãos sublimes em busca da liberdade individual e coletiva. No primeiro momento, conta a história de Rachel, como mercadoria. Uma menina-moça, judia que fora roubada da casa dos pais e vendida por nômades. Rachel não permanece em um cativeiro, ela se integra à companhia de dança do empresário árabe que a comprara. A companhia de dança se apresenta no palácio real. O sultão se encanta pela judia e a negocia. Assim, a inquietação de Rachel e seu martírio se inicia. O seu terceiro cativeiro traça o percurso do sofrimento da judia. Limitada entre as ações desempenhadas no palácio e rodeada por intrigas, Rachel vive condicionada a uma esperança. A esperança de poder fugir do harém real para encontrar a paz. Dessa forma, todas as peregrinações na terra Santa e as lutas entre Mouros e Cristãos compõem uma rede de sensações em que o jogo entre realidade e ficção exprime os efeitos da ordem social ligadas às conseqüências significantes da luta pelo poder. Dentro dessas prerrogativas, a narrativa mostra a partir do décimo terceiro capítulo a religiosidade do povo cristão, a fuga de Rachel do harém, seu casamento com o Príncipe Negro, a fúria do poder com a queda do harém e o desaparecimento da filha de Rachel. Assim se encerra a primeira parte da obra em que as narradoras mostram o acelerar do tempo. Não há meio termo. A história corre com o tempo de ação da guerra. Tudo está em movimento, portanto há várias histórias dentro de uma história. Em cada história há uma revelação e um deslocamento. Em cada deslocamento há um novo espaço demarcado dentro da geografia histórica. Nesse procedimento, as narradoras trabalham com a temporalidade que se integra no romance. Com isso, há uma interrupção no tempo de ficção. Há um indo e vindo, mostrando assim o movimentar dos fatos. Verifica-se então que as autoras na segunda parte do livro apóiam-se na construção memorialista. Não há pormenores na linguagem. A linguagem é bem objetiva e com doze capítulos finais, o romance atravessa o tempo, marcando um outro tempo.

Essa temporalidade se distingue através das guerras que aconteciam. Os cristãos pretendiam apossar-se de Jerusalém e nova guerra ia acontecendo em cada espaço. Não há preparação de nenhum fato, eles acontecem e entram na história e não há retorno dos fatos. O primeiro capítulo da segunda parte da narrativa marca a caminhada do Príncipe Negro e Rachel em busca da filha desaparecida. O acampamento cristão, a força da fé, a religião em questão, a História na história segue até o quarto capítulo. Então a noção de História do Paul Veyne (1982, p. 28), vai se configurar dentro do romance: “o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana”, assim, a força da expressão das autoras invoca de imediato algumas reflexões sobre a existência humana e ao lado da História

enriquece o conhecimento da reconstituição do real. Nesse sentido, o conceito de história vem comprovar que o homem se faz presente como ator da mesma e que os fatos compõem toda trama em sua estrutura textual. Já a partir do quinto capítulo, a narrativa segue em torno da personagem principal e sua busca para encontrar a filha. Ao mesmo tempo, com o fim da guerra, há o universo configurativo dos elementos simbólicos como a tela pintada por um judeu, “A noite do Calvário”, a Flor da Paixão, a coroa da Madona e o livro dourado. A revelação que Judith, pois, seria a filha desaparecida de Rachel e do Príncipe Negro percorre a narrativa como enigma a ser decifrado na história. Com efeito, tudo isso tende a influenciar a produção literária da época, que abordando as tensões sociais revela os efeitos nocivos da opressão, das injustiças, da falta de liberdade, enfim dos direitos do cidadão.

E na perspectiva de mostrar uma história de mulheres, escrita por mulheres, *A Judia Rachel* finaliza a sua proposta textual focando o tempo como fiador da história. As narradoras e as autoras estabelecem através da jornada de Rodolpho e Judith na terra Santa, a fala do outro, condenam o negócio de mulheres e mostram a fragilidade da mulher em relação às adversidades da vida. As narradoras estão na história a todo o momento, porém com uma certeza mais afiada, ou seja, comunicar ao leitor algo e demarcando o tempo na história. Parece um tempo apressado, ou melhor, é um tempo apressado. Talvez as ações em decorrência da guerra imponham esse apressamento. E no desenrolar da narrativa não há tempo para o leitor pensar, os fatos acontecem e são mostrados e não há desvios para modificação do seu final. É uma história contada. Um fato que aconteceu ou que vem acontecendo e exige do leitor um apressamento nas conclusões que fecham um círculo.

CAPÍTULO III

O EIXO PRAGMÁTICO DE A *JUDIA RACHEL*

1- Sob a luz da estrela do oriente

Segundo Miranda (2001), a partir do ano de 1503 milhares de cristão-novos vieram para o Brasil auxiliar na colonização e a maioria fixou residência no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. No ano de 1591, no Brasil quem praticasse ou guardasse a tradição judaica seria perseguido, julgado e condenado. Milhares foram condenados à prisão perpétua, à morte, e passaram pela fogueira. Oficialmente, essa perseguição durou até o ano de 1821, e, a discriminação diminuiu após a Proclamação da República. Com efeito, esse dado histórico esteve presente durante o período efervescente do século XIX, em que as reivindicações a favor da classe dos menos favorecidos, dos injustiçados, dos escravizados, ganhavam lugar nos depoimentos das feministas da época e também nos jornais de autoria feminina.

Hahner (1970, p. 124) relata que a persistência e a bravura das feministas fizeram mudanças no status de algumas mulheres no Brasil, tanto de classe média e de classe superior, tanto por educação como por respeito. E Francisca Senhorinha⁷, em seu jornal envia uma mensagem a mulheres, informando (...) “queremos a nossa emancipação – a regeneração dos costumes; queremos reaver nossos direitos perdidos”. Com isso, D. Francisca é a personagem da concretude e que é vista em seu romance, demarcando o seu lugar na ficção, nas palavras do narrador, quando aborda a situação da mulher à margem da sociedade, como podemos ver nesta passagem: “A condição da mulher no Oriente, é ser sempre desgraçada, como em todo o paiz onde a religião do Crucificado, não derramou suas benéficas luzes” (DINIZ, 1886, p.32). E quanto à unidade textual, as personagens são impregnadas pelo silêncio, pela solidão e percebe-se na história, que suas ações são definidas dentro de um contexto social e engajadas no processo dominante e dominador. Dessa forma, a denúncia dos costumes orientais sai da História e se faz presente e atinge um elevado grau de tensão em toda a narrativa. Pode-se verificar em duas passagens que abordam fato real e ficcional de autora para narradora. Na primeira, “não queremos representar na sociedade o papel de adorno dos palácios dos senhores do sexo forte, não devemos continuar na semi-escravidão em que jazemos”. E na segunda: “o rico luxuoso oda de sultana é sempre uma prisão, o soberbo harém uma jaula, dourada sim, mas sempre prisão”. (DINIZ, 1886, p.32)

⁷ DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. *O sexo feminino*. Campanha. 25 de outubro de 1873.

Esse tom denunciador na fala das narradoras focaliza a gradação do poder caracterizando sempre a imagem da mulher como submissa. Sendo assim, a exteriorização da linguagem em *A Judia Rachel* focaliza o contexto histórico apresentado pelo Realismo, que se firmou no Brasil em 1881, com as idéias republicanas e o ideal de liberdade. Com isso, o avanço da ciência e do complexo industrial revitalizou a consciência humana em relação ao progresso. Então, a utilização da mão-de-obra gerou polêmicas devido às condições sub-humanas dentro do mercado de trabalho, surgindo nova ideologia acrescentando outro referencial no setor econômico, político, social e cultural no século XIX. Logicamente, que as mulheres estariam envolvidas nesse sistema de forma direta ou indireta, quando de fato exerciam suas funções domésticas e maternas. Significa, então, que o momento de atuação das mulheres como ser crítico e participativo ocorreu no início do século XIX. E dentro dessas colocações a literatura de autoria feminina também mostra esse manifesto de característica realista, situando o ser humano dentro e fora do seu espaço, combatendo, defendendo, idealizando, denunciando, se armando, criando planos reformistas e agindo com o compromisso solidário, tendo em vista a problemática social.

Na composição textual, *A Judia Rachel*, sendo um romance realista, elabora em sua linguagem um documento de costumes orientais, revelando uma outra cultura para abordar fatos da cultura nacionalista, quando a sociedade estava em choque e as questões dos valores deveriam ser avaliadas, como também a estrutura do poder, a problemática social e, sobretudo, a infra-estrutura da nação. Essa voz do outro. Um outro que está acima dos fatos. O outro que enxerga os fatos. O outro que fotografa, que registra, que documenta. E quem é que documenta? Em *A Judia Rachel* é o narrador, ou melhor, as narradoras, porque o verbo está sempre flexionado na primeira pessoa do plural, nós, e sempre chamando o leitor para uma conversa, uma reflexão como se vê nestas passagens:

- “Penetremos⁸ no aposento de Cytréa e ouçamos o que seu marido queria dizer-lhe”;
- “Esquecemos de dizer no começo da narrativa que o sultão Murah estava em guerra com os Christãos”;
- “Penetremos no acampamento Christão e travemos conhecimento com o guerreiro intitulado com essa extranho nome”;

⁸ - Os grifos nos verbos são para esboçar uma visão geral da voz do outro, ou seja, das narradoras.

- “Tornemos a Constantinopla, ao harém real, no dia seguinte ao da fuga da judia”;
- “Passemos ao campo Christão“;
- Transportemos nossos leitores a Jerusalém”;
- “Expliquemos. Exposta estava à contemplação dos peregrinos”;
- “Não podemos descrever a alegria extrema que sentiram os pais de Judith”;
(217)
- “O grupo como podemos compreender, constava de todos os personagens de nossa pequena narrativa que em doce amplexo haviam deixado o mundo e voavam ao céu.” (DINIZ, 1886, pp.16, 63, 78, 111, 120, 199, 200, 217, 252, respectivas)

Então, a narrativa designa a perspectiva adotada pelo narrador para contar a história. Para Sargentini (2004, p. 223), “todo discurso está entre quem projeta a enunciação e quem a recebe e o autor predetermina intenções”. Assim, as autoras transportam para a escrita o discurso ideológico da época. A linguagem usada para denunciar e combater os falsos valores da sociedade entra na narrativa para mostrar a estrutura do poder e a forma pela qual ele opera.

De fato, *A Judia Rachel* vem apontar o modo de vida das mulheres, os usos e costumes de uma cultura, que de certa forma influenciaram as ações futuras das mulheres brasileiras, colocando-as numa linha reflexiva sob o signo da opressão, injustiça e castração dos direitos e assim, rezava Francisca Senhorinha, como relata Hahner (1970, p. 131): “Temos fé que este século é o século do ideal. Que este século vencerá pelo ideal radiante de justiça que lhe circunda a majestosa frente.”

2- Sob o gorjeio do Sabiá

Quando em 1836, o romantismo instalou-se na cultura brasileira, o homem estava apegado às idéias nacionalistas e se dedicava a retratar seus sentimentos, seu mundo interior. E segundo Coutinho (1997, p. 79), “o romantismo dá também liberdade para tudo, dá o direito de se negar a si mesmo, ninguém é obrigado a ser o que não é”. Assim, *A Judia Rachel* dá liberdade de pensamento aos personagens para se decidirem, possibilitando uma inversão de papéis no que se refere aos fantasmas da identidade, como ocorre nestas passagens:

- “Rachel! Uma das esposas do Sultão!... Entretanto Rachel não é nome turco, as mulsumanas não costumam chamar-se assim”;
- “Sendo assim, eu quero ser Christã!”;
- “se hesitasse mais seria indigna da protecção de Allah; quero o baptismo, Príncipe Negro”;
- “O bispo de Tarento, depois de lançar as águas do baptismo sobre a cabeça a judia uniu-a pelos laços do hymineu ao Príncipe Negro”. (DINIZ, 1886, pp. 83, 102, 103, 109, respectivas)

Percebe-se então a representatividade dos fatos em que se enquadrava a personagem Rachel. Primeiro, uma judia vendida como escrava, depois passando a condição de esposa do sultão, torna-se sultana, converte-se ao cristianismo e é batizada. Esses são os diferentes estágios que qualificam a identidade da judia. Entretanto, nota-se que através dessa mudança, dessa negação de si mesma, no sentido de que ninguém é obrigado a ser o que não é, há uma transposição da história para a História, dentro do significado de constituição de família, através do casamento e que à mulher, segundo Hahner (1970, p. 28), cabia apenas a função de gerar filhos: “o marido autoritário, rodeado de escravas concubinas, dominava seus filhos e a esposa submissa”. Dessa forma, quanto à produção textual, visto que o romance *A Judia Rachel*, sendo uma obra do período do Realismo, e que desde 1873, através do seu jornal, Francisca Senhorinha alertava as mulheres à sua condição de vida, as reflexões vinham de um tempo remoto, voltado aos usos e costumes da época, causadores de décadas e décadas de sofrimento feminino. Conforme relata D. Francisca em seu jornal, na visão de Hahner (1970, p. 131), “queremos ser companheiras de nossos maridos, e não escravas”. Portanto, o que liga a história com a História, nesse caso, é apenas a transferência de um estado de ser, a liberdade de se negar.

Então, mais uma vez, se vê o trabalho de Francisca, demonstrando a qualidade no texto de autoria feminina, que, reportando ao período romântico onde a mulher vivia sem voz, dá voz a esta mulher através da judia Rachel em se negar, em ter liberdade de escolha ao fazer a escolha de tornar-se cristã. Na linha textual, observa-se o caminhar progressivo da narrativa feminina – se instalando nos palcos da literatura brasileira. Com efeito, Sargentini (2004, p. 225) assegura: “literatura é uma linguagem que autoriza, ao infinito, as exegeses, aos comentários, as duplicações, porque ela é uma linguagem ao infinito”. Ainda segundo Sargentini, “O Quixote de Cervantes, sentindo – acontecimento, abre espaço para o incorpóreo; o Quixote cervantino não é o término, é o interminável; ele possibilita a escritura do Quixote de Menard, de Quincas Borba de Machado de Assis, de Madame Bovary de Gustave Flaubert, e de tantos outros Quixotes”. E seguindo esse parecer, *A Judia Rachel* translada entre a visão romântica, realista e oriental, caracterizando o perfil feminino como passivo e submisso, porém com possibilidades de mudanças dentro de uma ideologia capaz de atravessar o espaço e o tempo.

3- Sob os pés da Santa Cruz

“Nos pés da Cruz, está a Mãe de Jesus” (DINIZ, 1886, p.201). Nessa passagem da obra, surge a simbologia cristã relativizando o destino da mulher e toda a sua conexão com o mundo. O que distancia a mulher aos pés da Cruz é um ângulo obtuso distintivo, funcional e cronológico. Por se caracterizar ao longo dos anos apenas pela obrigação de procriar, a mulher se manteve inapta de algumas funções. Então, essa tarefa construída e determinada com rigor, a partir do século XVIII pelo governo português no Brasil, gerou idéias, desejos e lutas que só afloraram no século XIX, alcançando considerável proporção entre o número de mulheres de classe superior e cultas. Em linhas gerais, esse número proporcional de mulheres esteve à frente dos movimentos e manifestações, levando ao conhecimento de outras mulheres os seus direitos, tornando assim a classe feminina mais comprometida com seus ideais e conseqüentemente indo às lutas, permitindo melhoria de vida e garantindo assim o seu espaço na sociedade e no mundo. Em razão dessa disfunção quanto ao papel participativo da mulher na sociedade, Priore (2004, p. 484) relata que durante o período colonial, devido à necessidade de proteção das terras brasileiras, o governo português enviou ao Brasil mulheres brancas, órfãs pobres, prostitutas para o povoamento da Colônia: “Era necessário procriar para garantir a hegemonia branca da Metrópole também na Colônia; era preciso gerar filhas e filhos de sua própria raça e classe”, acrescenta a pesquisadora.

Essa estratégia contribui para os longos anos de submissão e padecimento da mulher brasileira, pois a mesma, durante esse período, teve somente a função de reprodutora. Com isso, a constituição familiar também podava as ações femininas, tornando-as ainda mais desoladas e inconformadas. Sem voz, a mulher não podia escolher seu parceiro para o casamento e muito menos se decidir pelas questões religiosas, educacionais e políticas. E continuando com o ponto de vista de Priore (2004, p. 223), “a chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, habitava a casa-grande e dominava a senzala”. Desse costume, surgiram os apontamentos e conflitos familiares. Com o passar dos anos, os conflitos transformaram-se em idéias que, através da própria evolução progressista vivida pela nação no início do século XIX, as mulheres, sem dúvida alguma, tiveram o momento certo para se manifestarem. Em vista disso, Francisca Senhorinha participava também, na época, ao colocar na narrativa de *A Judia Rachel* a travessia da mulher nas luzes do novo século. A supremacia das autoras, em pleno alvorecer do século XIX, escrever um romance, sob o signo da cultura oriental, retratando a luta entre Mouros e Cristãos, com o posicionamento da mulher como mercadoria, sem valor funcional dentro da sociedade e acrescentando a importância da religião, fato predominante na cultura brasileira, requer, na verdade, um esclarecimento na busca dos direitos e que até então eram negados à mulher.

A analogia criada com a figura da mãe aos pés da cruz, demarcando essa distância sob o signo de um ângulo obtuso, compreende que o eixo pragmático desse signo representando a forma de uma barriga é uma cognição de idéias, em que as autoras, no discurso das narradoras, processam a linguagem dentro da narrativa, canalizando a mulher numa linha perpendicular entre sua missão exclusiva e seu destino, ou seja, ser mãe não deveria ser sinônimo de sofrimento. Um sofrimento imposto à mulher brasileira desde o período colonial. Entretanto, numa visão semiótica, a mãe do Redentor, como aparece na obra, numa tela pintada por um pintor judeu, como “A noite do Calvário” (DINIZ, 1886, p.200), no jardim das Oliveiras, descrito pelas narradoras, aponta para a relação de dor, sofrimento e o seu pragmatismo faz referência ao sentimento, desejo e a comunicação. Então, essa descrição iniciada com o verbo na primeira pessoa do plural, como se pode comprovar na passagem – “Expliquemos. Exposta estava à contemplação dos peregrinos, uma imensa e magnífica tela representando ao vivo, A noite do Calvário” (DINIZ, 1886, p.200) –, coloca o leitor também em questão, chamando-o para uma reflexão da consciência humana mediante os valores individuais, coletivos e, sobretudo, quanto à missão de cada um.

Contudo, apesar da personagem Rachel, sendo representação de busca, o mesmo não acontece com sua mãe. Rachel fora roubada de seus pais e vendida. Eis como a narrativa ilustra o fato: “roubei a moça e a vendi vilmente, a uns bambinos, do primeiro bando que encontrei. Pouco tempo, soube, que seus pais haviam cahido na miseria, por terem gasto immensa somma, na procura da rapariga” (DINIZ, 1886, p.210). Nessa abordagem e seguindo o romance, não houve prosseguimento na procura pelos pais de Rachel, segundo o Rei do Mar Vermelho fazendo essa revelação ao seu filho e demonstrando o seu arrependimento. Dentro do ponto de vista da narrativa, a busca mais importante seria da filha, Rachel, à sua filha, Judith. Como, afinal, sugere Francisca Senhorinha na causa pelas mulheres. Primeiro, o sentimento por também ser mulher; segundo, o desejo, que é a interação entre o eu e o outro, ela mulher, em relação às outras mulheres e o desejo de sanar todas as dificuldades; terceiro, a comunicação, que liga o signo do desejo com o sentimento. Todavia, o sentimento da condição de ser mulher, da certeza de seus sofrimentos está inserido no desejo de luta, de garra criando um elo entre o signo do sentimento e do desejo.

Embora *A Judia Rachel* converta-se ao limite de uma busca, a representatividade da obra consegue transpor em outra esfera, o que mais importava dentro da força ideológica das mulheres: a superação, a luta, a persistência e, acima de tudo, a realização. O que a narrativa busca focar na representação da tela, com a figura da mãe aos pés da cruz, traça a travessia da mulher desde o seu primeiro momento com vida e sua conexão com o mundo. Nessa visão obtusa da vida, as imagens reveladas do real concatenam as ações individuais com as coletivas e visam, acima de tudo, transpor qualquer limite. Sendo assim, a causa de Rachel era mais importante para a configuração do papel das mulheres brasileiras na sociedade, do que a figura de sua mãe, que somente é descrita com propriedade apenas uma vez na narrativa.

4- Sob o signo patriarcal

A Judia Rachel apresenta, em sua movimentação de tempo e localização de espaço, a configuração do discurso das personagens, em função da progressão da história, ou seja, define o verdadeiro papel de cada um na sociedade. Sendo assim, observo que, entre a figura feminina e a figura masculina, há desnível no grau de capacitação das funções, em virtude das ações de cada um. Entretanto, a natureza significativa tanto das operações femininas quanto masculinas denota a importância de cada um, porém, um pouco desfigurada, no que diz respeito às habilidades femininas e ao seu uso como fator emergencial,

representativo diante da cultura de um povo. Ainda sob a ótica de Priore (2004, p. 223), a “chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, habitava a casa-grande e dominava a senzala”. Visto isso, Francisca Senhorinha transporta para a sua obra essa estrutura social. Portanto, a narrativa evidencia as condições da mulher no oriente servindo apenas como objeto para satisfação dos desejos masculinos. Numa sociedade em que a mulher vivia completamente à margem, o livro estabelece sintonia com o papel vivido pelas mulheres brasileiras no século XIX. Entre as vicissitudes diante do inesperado, a personagem Rachel chama a atenção pelo que representa, já no início da narrativa, como se pode observar através dessa passagem: “na Turquia, a segurança das cabeças femininas, é, por assim dizer, nulla” (DINIZ, 1886, p.33).

Com efeito, essa condição por ser mulher conduz o teor da narrativa, que não fala apenas em um espaço, que não opera apenas sob o signo de um discurso feminino, e sim pelas muitas vozes, que chamam, que buscam o outro.

Quando Francisca Senhorinha transfere para a ficção a estrutura linear em que se condicionava a travessia da mulher no século XIX, foi, sem dúvida, grande passo dado em benefício da composição textual, no que tange a História do seu papel feminino no seu grau de tensão para revitalização dessa História. Com isso, a mulher foi se domesticando na literatura para composição de uma narrativa plural com o viés da liberdade de expressão. Submissão, escravidão, liberdade, direitos, impossibilidade, anulação e poder da sociedade patriarcal estavam presentes em outras narrativas como força no discurso. Como podemos comprovar em Nísia Floresta, com *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, conforme apresenta Priore (2004, pp. 405-406): “Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens”. Como garantir a expressividade do discurso no livro para estar nas mãos de algumas mulheres, que também se negavam e, por vezes, concordavam com o poder soberano do homem? Dessa feita, a oralidade do discurso nas tribunas fizeram grandes efeitos nessa convocação do sexo feminino ao combate à sociedade patriarcal gerada no vírus da opressão, da injúria, da castração, do desamor e do domínio. E assim fizeram Francisca Senhorinha, Amélia Carolina da Silva Couto, Violante Atabalipa de Bivar e Vellasco, entre outras. Hahner (1970, p. 35) ressalta a importância do discurso feminino na escrita dos jornais, que também chegava com maior rapidez aos domínios da mulher, a partir de 1852, como afirma: “durante a segunda metade do século XIX, surgiram nas cidades brasileiras alguns periódicos audaciosos editados por

mulheres”. No entanto, essa luta contra o poder repreensivo da sociedade patriarcal continuava a cada dia mais árduo, porque as mulheres que se opunham ao movimento também aumentavam. Essa negação da classe contribuiu também como reforço mais abrangente dos homens na tentativa de segurar os ímpetus femininos. Algumas mulheres acreditavam que essas lutas não tinham tantos significados e, às vezes, poderiam até influenciar de maneira negativa para a realização de um casamento. Muitas mulheres sonhavam com o casamento e participar de movimentos feministas ou aceitar as idéias era também sinal de mulher feia, sem atributos ou encantos para seduzir o sexo oposto. Hahner (1970, p. 60) aborda essa indiferença, quando comenta: “nem todas as mulheres reagiram a idéias de ‘liberdade’ ou ‘emancipação’. Muitas preferiam gastar seu tempo cuidando da aparência física a cultivar seu espírito”. Mas esse domínio masculino, essa injustiça, esse poder absoluto, estavam com os dias contados. Eles, os homens, acabariam por concordar com as lutas por direitos femininos, mais cedo ou mais tarde, assim, era previsto pela própria sociedade patriarcal que também aos poucos ia se manifestando a favor da luta das mulheres. Como essas lutas, manifestações e protestos voltavam-se não somente para a educação e o direito ao voto da mulher, também havia a preocupação com os escravos, os pobres e, diante desses movimentos, a campanha abolicionista ganhou destaque no discurso feminino, como forma de negar os falsos valores da sociedade patriarcal. E com o apoio de alguns homens, que também tinham o mesmo objetivo, a defesa a favor dos escravos também contribuiu para a reflexão masculina quanto aos ideais femininos. Inclusive Hahner (1970, p. 48) relata esse apoio masculino, quando menciona que “algumas mulheres estabeleceram suas próprias sociedades abolicionistas, freqüentemente mantidas ou sugeridas por homens abolicionistas”.

Na obra de Francisca Senhorinha, esse questionamento em relação à sociedade patriarcal esclarece basicamente a anulação da mulher por completo. Ao mostrar uma outra cultura, a autora tematiza exatamente a desvalorização do sexo feminino baseado em costumes tradicionais.

A Judia Rachel, retratando a guerra entre Mouros e Cristãos, apresenta a mulher como mercadoria, como já foi mencionado em capítulos anteriores. Numa sociedade que comercializava pedras preciosas, azeite e marfim, a venda de mulheres seguia sendo mais um produto comercial, um objeto a ser vendido, negociado por boa quantia, como posso verificar na seguinte passagem: “- Então, está feito o negocio. Quatro pipas do precioso óleo por uma rapariga feia como a judia, é extraordinário” (DINIZ, 1886, p.16).

Rachel, então, nesse episódio, é levada para o seu segundo cativeiro. Nessa seqüência, os percalços dessa mulher escravizada, iam criando formas e delimitando o seu

lugar. Então, a partir daí os acontecimentos percorrem entre a postura e o discurso das personagens. E nesse posicionamento, a presença masculina figura-se no signo do poder e da dominação. Nas representações funcionais de cada um, *A Judia Rachel* se mantém na postura inferior, conforme podemos observar aqui nesta outra passagem: “a sultana ia protestar, porém conteve-se perante um olhar imperioso do Sultão” (DINIZ, 1886, p.48)

Por ser um romance original, *A Judia Rachel* compõe-se de uma tensão conflituosa por uma guerrilha crônica e se baseia no domínio total dos homens. O referencial do livro por apresentar uma guerra, mapeia as ações das personagens numa postura que sempre apresenta duas esferas antagônicas. A narrativa sempre determina um subordinante e um subordinado. No discurso das personagens, há sempre uma linha divisória demarcando o poder. As personagens freqüentemente circulam num espaço dominado e que se configura entre tensão e expectativa. Há ainda um espaço vazio entre personagens. Um espaço que ora se movimenta, ora estaciona. Durante as movimentações, o leitor volta no contexto histórico do espaço da narrativa e sempre que ocorre a paralisação do lugar, o leitor está na história fictícia. E quando as personagens se deslocam do espaço da narrativa, a sensação é de apressamento no teor da história, determinado pelas autoras na voz das narradoras. Isso tudo completa a superioridade de um que certamente coloca o outro em condições inferiores. O apressamento sugere a transposição do espaço dominado para um outro lugar. Um lugar qualquer, em que as condições de vida sempre oscilam entre quem manda e quem obedece. Sob esse prisma pode-se notar nas passagens:

- “(...) o sultão contrahiu o sobr’olho, e tão ameaçador era o aspecto de sua plysionomia” (DINIZ, 1886, p.73);
- “Falla emir, ordenou com voz segura” (DINIZ, 1886, p.73);
- “Encerra-te no teu oda, enviar-te-hei um derviche, pois dentro de poucos dias, a tua alma negra comparecerá diante de Allah e de Mahomet” (DINIZ, 1886, p.76) e
- por último em “a caravana compunha-se de bambinos nômaes. Um dos bambinos, que parecia ser chefe do bando” (DINIZ, 1886, p.14).

5- Sob o nome da História

Os aspectos históricos revelados na narrativa intensificam a particularidade de cada lugar. A solidão transfigurada na personagem Rachel elabora metaforicamente a

existência de um passado, que por vez, acentua-se através das marcas das narradoras. Da partida da mulher judia a caminho do seu segundo cativo, há um travessão para a construção do discurso direto que constitui um lugar presente na memória das narradoras totalmente intencional. Vejamos: “coberta de andrajos, com os pés em sandálias, macilenta, semelhava essa pobre creatura ao judeu proscrito, a quem Christo afflicto, dissera um dia n’uma rua da Jerusalém descida: - Caminha! Caminha!” (DINIZ, 1886, p.17).

Há, sem dúvida, um percurso na História para a história. Ao iniciar a narrativa há a contextualização da história do povo do Oriente. A guerra crônica que desfaz o lugar apresentado na primeira parte da obra.

Verifico a estrutura bipolar da narrativa na demarcação do lugar no conteúdo da História. Enquanto a primeira parte da narrativa apresenta um lugar determinado pela História constituído pelo poder, do domínio do homem sobre a mulher e a segunda parte faz uma longa retrospectiva histórica para apresentar, com rigor, parte da história do povo oriental. Na apresentação dos dois lugares e revelação de uma cultura com seus ideais, conflitos e tradições, há o poder, a resignação e o desejo. No caminhar da história o que intensifica o percurso histórico é a figura da mulher. Nesse sentido, o elo entre ficção e História permanece elaborado em outra História, a história das mulheres.

O livro acrescenta por intermédio da personagem Rachel um confronto da problemática social e da consciência humana. O lugar que se desfaz na narrativa no primeiro plano, coloca três momentos da injustiça social vivenciado por uma mulher: poder / violência / opressão, registrando o palácio real, como passado histórico. No movimento circular da narrativa tem a guerra centralizada na história e na travessia da personagem Rachel de um lugar a outro. Existe um herói, um herói cristão, o Príncipe Negro, que revitaliza a presença do herói colocado na história. A partir da existência de um outro lugar, o acampamento cristão, a narrativa caminha tematizando as reações humanas, qualificando-as mediante ao signo amor/esperança/liberdade, fazendo um registro da imagem humana diante das vicissitudes da vida. Com isso, por ser uma obra do período Realista, nota-se que a obra *A Judia Rachel* apresenta dados de algumas das características que compõem o contexto histórico da época. Na obra, posso refletir quanto ao posicionamento do autor realista em denunciar os falsos valores contra o comportamento das estruturas básicas sociais numa visão mais clara do meio e do momento. Então, Francisca Senhorinha faz o mapeamento da cultura oriental numa estrutura geográfica que determina com exatidão o território em termos de terra e limite quanto a área dentro do poder. Em seguida, a cada espaço ocupado geograficamente, em termos de posse, a autora insere o possuidor e o objeto possuído. Continuando há a

apresentação dos objetos possuídos em seus respectivos lugares. Ao final de tudo, a autora mostra as interferências pessoais e culturais na construção de cada lugar. É possível identificar a mulher nesses lugares e as condições de vida as quais é submetida como também observar as suas angústias, incertezas, desejos, em atmosfera tênue, pois cada efeito de suas ações absorve a comunhão do bem e do mal, o poder, com as nuances do ter, produzir e doar. Podemos concluir que o palácio representa a força, o domínio, o poder. A guerra, o sangue, a violência, a rebeldia. A terra, a redenção, o perdão, o amor, a esperança e a paz.

Desde o prefácio, o livro abre espaço para a reflexão. Diante de um romance histórico, o leitor poderá ilustrar o tempo ancorado em um espaço no meio de uma guerra. E quando este período histórico é transportado para a ficção, todas as limitações humanas são repartidas em função de qualquer poder. Isso é revelado na história ficcional, a divisão, centralizando várias imagens do poder. Essa divisão marca cada lugar e a representação do espaço é que revela um outro a ser dominado. Por esse ângulo, Francisca Senhorinha busca na cultura oriental, a constituição do sujeito a ser dominado.

Durante o período Realista, as obras literárias abordavam, de modo direto, o compromisso com a comunidade, homens e mulheres, abordando com ênfase a realidade. Com isso, as reflexões diante da vida operavam com maior rigor durante esse período e, conforme Afrânio Coutinho (1997, p. 10), “o Realismo fornece uma interpretação da vida. Retratando objetivamente a vida, o Realismo, todavia, dá-lhe sentido interpretando-a”. Vejamos, como Senhorinha escreve: “ – É a minha sina, sofrer continuamente!” (DINIZ, 1886, p.121). Esta é uma fala da personagem Rachel que tematiza a variação no tempo. É importante organizar essa temporalidade nos domínios da contextualização histórica em que ocorrem os fatos da narrativa. Há um retorno no tempo reconstituindo as experiências de vida da personagem, no que se refere ao deslocamento do seu eu. Daí, observo seu conflito pessoal, suas indagações perante a vida com tendência metafísica.

Toda a transferência de tempo demarcada pela personagem qualifica a história fictícia dentro da história real em relação às mulheres. Todavia, é importante salientar que, em momento de recuperação das verdades apontadas pelo Realismo, o sentimento voltado às emoções mostrou-se bastante lento no que diz respeito ao papel da História em qualificar a mulher dentro da sociedade como ser operante e capaz. Então, noto que o ritmo acelerado na narrativa e a postura das narradoras assumem um outro papel na história para a História. Na verdade, tudo isso reflete a resistência das mulheres de modo enfático nos palcos sociais da vida. O que também surpreende no romance é a cadência dos fatos da ficção arroladas na história da vida real. Embora houvesse inúmeros desconfortos, de natureza econômica,

político e social, a mulher acabou surpreendendo, mesmo no início do período mais envolvente da história do país. Talvez essa seja a referência maior em Francisca Senhorinha, isso porque o romance dentro da sua construção textual, acaba convencendo, até mesmo outra época, desvinculada de todas essas tensões vividas pelas mulheres desde os mais remotos períodos da história brasileira. Hoje, rever essa história, estrutura não somente o sexo feminino, na posição demográfica de todo setor social, mas também o sexo masculino, que através da construção crítica de uma sociedade mais sólida, consolida todo o referencial humano numa dimensão positiva, a favor da vida e continuidade da mesma.

Tudo indica que o romance do século XIX de autoria feminina se diferencia dos demais, de autoria masculina nesse período, no que se refere ao posicionamento do autor sob o signo da intromissão e do movimento da narrativa, conforme é citado em Coutinho (1997, pp. 10-11): “Não há intromissão do autor”, (...) a narrativa move-se lentamente”. Essa suave dicotomia diferencia a obra feminina apenas por parte desses sentidos, devido aos ideais implantados pelo movimento feminista e pelo grande número de jornais de autoria feminina, que estavam surgindo na época, refletindo na maneira de pensar e agir das mulheres brasileiras na sociedade da época.

No que se refere à intromissão do autor na narrativa, ela é bem sutil. Devo acrescentar que a intromissão da autora ou autoras em *A Judia Rachel* é exatamente para dar um sentido de ação, como elemento catalisador da conexão demográfica determinante de uma esfera subjacente, que se tornaria pronta para executar as suas funções na sociedade. Por estar ligada a fatores culturais semelhantes e distintivos, a narrativa busca atingir pluralidade de operantes no contexto social que circunda o ser humano. Então, por assim dizer, seu tempo é acelerado, constituído de uma atmosfera possante e configurativa que busca o leitor no traçado geográfico e social do texto.

Assim, a travessia da personagem Rachel se constitui de elementos convergentes e desafiadores capazes de construir e desconstruir o inesperado. Porém, percebo também uma luta idealizadora que gira no corpus da linguagem com variações, propensas às ambigüidades. Então, o posicionamento das autoras na obra evidencia uma capacidade maior de ambas como agenciadoras das ações emergenciais em função da coletividade no que diz respeito à colocação do outro na história, um outro que passa ser sujeito dessa história. E segundo Sargentini (2004, p.9), “o domínio do saber, do poder e da ética, permite o sujeito avaliar como ele se constitui enquanto sujeito do seu saber, enquanto sujeito que exerce ou sofre relação de poder e enquanto sujeito de sua própria ação”. Assim, a voz de Francisca Senhorinha está presente não apenas em sua narrativa *A Judia Rachel*, mas também em seu

jornal que permanece na História como elemento intermediário de conduzir uma outra história na dialética política, social, econômica e cultural de um povo.

O livro em sua totalidade absorve as manifestações sociais para se compor no mundo da linguagem. Com isso, o texto de autoria feminina no século XIX assume seu compromisso ideológico, objetivando as temáticas da existência humana, com fidelidade, emoção e, sobretudo, interpretando a vida. Com sua temática voltada aos problemas sociais e retratando a vida de uma mulher, como representação do universo feminino, a obra interage com os desafios de mudança social, tornando-se canal na construção da cidadania. O espaço representado na narrativa entra em sintonia com o leitor, pois os elementos de cada realidade local ocorrem simultaneamente no espaço da fala, sendo assim, o leitor faz a conexão na linha escrita, atuando no seu contexto com reflexões associativas dos objetos, personagens e lugar.

A unidade textual, mediante a pluralidade das ações das personagens em relação aos lugares demarcados, intensifica os aspectos particulares tanto das personagens, quanto ao espaço. As histórias fazem um retorno temporal, porém reflexivo, em que o determinante de cada ação do presente apenas recupera na memória fatos para esclarecer o dado novo do presente ou para se projetar num futuro determinado. A visão do fato no futuro sempre é existencial. Nesse retorno temporal, o narrador também se coloca. Quando o narrador se manifesta para esclarecimentos desse tempo, há intromissão das autoras. A intromissão é para chamar o leitor, colocando-o no texto para conectá-lo no contexto social e histórico da narrativa. Assim podemos observar, quando o Rei do Mar Vermelho, esclarece o desaparecimento de Rachel, da casa dos pais: “ – Vou explicar-me: há muitos anos que roubei a meus compatriotas, uma formosa moça” (DINIZ, 1886, p.210). Também posso observar esse retorno temporal, na seguinte passagem: “vejamos o que era feito da criança que Rachel confiara a Aniceta. Sabem os leitores onde parava ella. Quanto à vivandeira tão cruelmente lançada ao Tibre, pelos nocturnos salteadores da cidade eterna, o que era feito d’ella” (DINIZ, 1886, p.137). A existência da guerra faz um retorno histórico temporal: “Quando Frederico fez sua entrada em Jerusalém, reinava em sua passagem, morno silêncio” (DINIZ, 1886, p.164).

A narrativa está em busca de um tempo, não um tempo perdido, mas um tempo usurpado na história. A cada passagem, em cada espaço, ela centraliza a caminhada de Rachel em meio à guerra. Rachel não é um elemento no combate a guerrear, mas sim alguém que caminha conectando o tempo. A obra apresenta a figura feminina e sua passagem em cada espaço como um dado importante na história. Porém, essa figura feminina, ao mesmo tempo em que se constrói, se desconstrói em sua própria totalidade. Nesse processo, há intromissão

do autor que procura tematizar o porquê de uma causa feminina e não apenas em mostrar a figura feminina. Há ausências de ações ou representações no tempo de algumas mulheres, porém há representatividade marcante e intrigante na totalidade da caracterização do sexo feminino no contexto da narrativa. Percebe-se tudo isso desde o início da história fictícia, quando no prefácio revela o aparecimento de um bebê na sacada da igreja e o mesmo só retorna na história em sua segunda parte. Desde o primeiro momento sabe-se que o bebê é uma menina: “é filha de príncipes, veja uma coroa real que aqui está marcada na roupa de seu leitozinho” (DINIZ, 1886, p. 8). No início da primeira parte, a figura feminina já é apresentada em sua verdadeira identidade e é revelado que a mesma fora roubada e seria vendida. O verbo roubar reporta a outro verbo em relação à figura feminina. Primeiro, “fora roubada” significa que a moça fora retirada do convívio dos pais, raptada. Quando essa moça é vendida, negociada, ela é usurpada de seus direitos. Alguém está exercendo indevidamente seus direitos de cidadã. No caso, do seu direito de liberdade. A moça torna-se, pois, uma cativa, uma escrava. Aqui, já é a personagem Rachel, no primeiro momento; o bebê é a filha de Rachel. Através dessa passagem, pode-se saber de sua origem: “ella não era uma bimbina como faziam-n’a passar, e sim oriunda de salonica d’onde fora roubada da casa de seus paes que eram israelitas abastados” (DINIZ, 1886, p. 14). Na próxima passagem, verifica-se a moça Rachel, e as demais mulheres, como cativas e vigiadas por uma outra, que nos remete à figura de um feitor, um capataz: Vejamos: “– Dama Lowande, accommode da melhor fórma que puder essas bimbinas, confio-te em particular a judia Rachel”. Para em seguida, completar: “Na caravana todos temiam-n’a e curvavam-se sob sua vontade. Nunca viam-n’a rir-se com bondade: em seus lábios carnudos pairava constantemente um sorriso feroz” (DINIZ, 1886, p. 15)

Seguindo adiante, ainda no primeiro capítulo, o lugar que busca o tempo, o tempo usurpado, encontra-se na contextualização do espaço e mostrando claramente a diferença na qualidade desse espaço. Ou seja, verifica-se o dominante e o dominado na figura do outro. A narrativa apresenta uma outra figura feminina, acrescentando um valor mais expressivo na imagem do dominante. Há um possível sucessor, constituindo assim uma prole. A qualidade do lugar e a configuração da pessoa, em cada lugar, diferencia-o dos demais e põe o leitor na narrativa, chamando-o às reflexões. O lugar ou lugares seriam: casa grande e senzala, o coronel ou barão, a sinhá e o sinhozinho. Como podemos ver nestas passagens: “um dos bambinos, que parecia ser chefe do bando, penetrou na locanda; dirigindo-se à mulher, disse: - recolhemos-nos ao nosso quarto... Cytréa puchando o pequeno Azulino, seguiu o chefe. Ao transpor o limiar da porta do miserável aposento, e que, no entanto, era o mais confortável da

estalagem...” (DINIZ, 1886, p. 14-15). Ainda acontece, nesse mesmo capítulo, a negociação da judia como mercadoria, estabelecendo assim um paralelo entre as duas culturas e revelando aspectos da história real, voltando novamente à temporalidade da narrativa. Esse tempo usurpado que interferiu de forma castradora na sociedade brasileira, tornando-a completamente enferma, durante muito tempo no século XIX. A contextualização da compra e venda da judia tem uma referência histórica, quando dentro da história brasileira, o texto ficcional leva o leitor ao tempo da escravidão, com o comércio dos escravos. Vejamos a passagem: “então está feito o negocio. Quatro pipas do precioso óleo por uma rapariga feia como a judia, é extraordinário” (DINIZ, 1886, p. 16).

Os costumes orientais intensificam na narrativa a qualidade do referencial temático em que a obra se propõe a revelar: a história de uma mulher sob o jugo de alguém. O romance intensifica a luta das mulheres do século XIX e amplia o horizonte das demais. Com o romance, a proporção adquirida dos movimentos feministas dentro da sociedade patriarcal adquiriu maior expressividade e, com isso, a mulher desse período, pôde estudar, trabalhar e se sustentar, sem ferir a sua concepção, determinante de suas funções biológicas e muito menos retrai-la de suas qualidades sensíveis e femininas. No entanto, as mulheres desse período, com suas lutas e que conseguiram desvendar os caminhos do sexo feminino na história, deixaram de participar do registro da documentação histórica da nação, conforme relata a historiadora Hahner (1970, p. 9), no prefácio de sua obra:

Este livro surgiu em 1970, quando realizava pesquisas no Rio de Janeiro sobre as classes inferiores urbanas da Primeira República e, inesperadamente, defrontei-me com material e documentos desconhecidos a respeito das mulheres brasileiras no século XIX, particularmente de suas atividades feministas. Um dia, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, procurando por um jornal trabalhista no fichário de obras, por acaso ao correr as fichas reparei o título de um jornal diferente, de que jamais ouvira falar, *O Sexo Feminino*, publicado na década de 1870... Tratava-se de uma história perdida, a história das mulheres brasileiras, que tinha de ser recuperada.⁹

A partir de então, Hahner, conforme seu relato, na qualidade de historiadora e mulher, sentiu-se na obrigação e dever de escrever a obra, do prefácio apresentada, para mostrar a história das mulheres fortes e empreendedoras do século XIX, para que suas sucessoras e a nova geração pudessem conhecê-las. Hahner ainda registra o seu estado

⁹ Importante ressaltar que o estudo do jornal *O Sexo Feminino* está sendo estudado pela professora Aparecida Maria Nunes, como objeto de pesquisa de seu pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais.

emocional e glorioso ao escrever a obra. E a história das mulheres continua ainda a surpreendermos, desta feita, através de Francisca Senhorinha como romancista do século XIX.

6- Sob a cor do rosa-choque

O estudo nas relações de gênero está voltado à análise social do comportamento de homens e mulheres na tentativa de identificar as possíveis diferenças de ação no espaço normativo ocupado por ambos. Desde 1970, quando as pesquisas apontavam que a história das mulheres deveria ser revista a título de revelação para conhecimento da trajetória delas e da importância de cada uma para as novas gerações, houve também grande preocupação para não definir nenhum espaço, ou seja, criar o mundo masculino e o mundo feminino. Isso porque a vida humana está inserida num espaço natural sem restrições, desde a sua criação, sem a localização do espaço A ou do espaço B. Com isso, vale salientar, que por tudo que as mulheres viveram na história da construção do país, realmente trouxe seqüelas amargas, no que diz respeito à estrutura de vida de cada um, sob o signo da paixão, educação, profissão e também no plano político, cultural e religioso. Sendo assim, durante a época que os movimentos feministas ganharam força e a cada luta a determinação, coragem, fé e esperança dominavam os espaços sociais da nação, proliferaram inúmeros conceitos do termo gênero, possibilitando outra preocupação no sentido de dar vazão aos estudos isolados para contextualizar o discurso feminino e manipulá-lo.

Criou-se a guerra dos sexos e as lutas proporcionaram, durante muitos anos, a competição que trouxe à tona os conflitos, as desavenças, o desequilíbrio e, sobretudo, as incertezas de estabilização das mulheres no setor social, referente à profissionalização, o direito político, enfim, os direitos de cidadania.

Todavia, a obra de Francisca Senhorinha, *A Judia Rachel*, intensifica a passagem da mulher nos palcos da vida, mostrando também as suas aspirações pessoais no que se refere à afetividade e do culto ao corpo. A mulher na narrativa quer ser feminina e as passagens a seguir mostram o que está sob a cor-do-rosa-choque (DINIZ, 1886, pp. 23, 24, 25, respectivamente):

- “eu vou comprar-lhe os adereços e vestuários”;
- “Lindos presentes estavam preparados no sclamlik para as suas esposas”;
- “Seu porte era elegante e senhoril; tinha ella ares de rainha”;

- “Trajam as nobres musulmanas, calções de velludo, tendo por cima uma longa túnica de linho branco ou púrpura, que, as põe quase sem movimento, em razão da extraordinária fazenda que leva, tanto em largura como em comprimento. Um Yaschmarc cahindo desde a cabeça aos pés, occulta-lhe completamente a figura e os cabellos que em geral, usam cortados. O fredgé ou véo, completa o seu vestuário, occultando igualmente a bocca e o nariz. Grande quantidade de jóias, taes como: collares, anneis, e braceletes, lhes adornam o collo, os dedos, as orelhas, os cabellos e até mesmo os vestuários”.

Mesmo com as belas jóias e roupas, as mulheres na obra representam à verdadeira divisão na representação do poder. Observa-se que essa ocultação do corpo através do que lhe cobre determina a sua linguagem. Uma linguagem de submissão, de concordância com todos os fatos apresentados ou ditados por seu superior.

Através da obra *A Judia Rachel*, vamos observar os usos e costumes orientais que até mesmo no vestuário, coloca a mulher sob o jugo de outrem. A determinação do lugar por intermédio da roupa, acrescenta na temporalidade da obra, um retorno geográfico para a definição do espaço feminino dentro da sociedade na cultura de um povo. Ao conduzir a narrativa em vista da história das mulheres sob a ótica dos vestuários, Francisca Senhorinha elabora, através da minuciosa descrição dos trajes orientais, o lugar do sujeito constituído pela imagem que a sociedade o identifica e o anula.

A roupa determina o lugar dentro de uma estrutura linear que conduz a mulher ao seu espaço.

Sendo assim, no romance, as personagens, que através do seu trânsito, no que diz respeito à exposição do corpo físico de cada sujeito em seu espaço, homens e mulheres estão duplamente construídos e desconstruídos em cada lugar. E ao final da narrativa, há uma abstração do lugar, que não separa homem de mulher, representado nos dois últimos capítulos, “Adeus ao mundo”, “Um vôo ao céu.”

7- Sob o tom da palavra

Para Sargentini (2004, p. 112), “o poder está em todo lugar, disseminado no interior das instituições criadas pelos homens”. Portanto, em cada espaço onde opera o discurso, o sujeito direta ou indiretamente permite a impossibilidade ou possibilidade de

atuação de um outro sujeito. Vê-se então, a ordem da vida e as ações de cada sujeito que constitui o poder. O que também caracteriza o poder é a ilustração do lugar, que, através da linguagem, o sujeito se faz presente, atuante e operante. Percebe-se que através do discurso há uma estruturação do poder e no tom do discurso é possível atribuir significados da hierarquia do mesmo. Pelo discurso, a expressão fotográfica do mundo elabora a graduação do poder e os efeitos produzidos por ele.

Assim, o romance se inscreve na organização do poder, adquirindo força através da palavra, que reproduz a estrutura do lugar, permitindo a concretização do mesmo. Na representação de cada sujeito na obra, o sentido e efeito da palavra identifica-o e o individualiza em cada lugar: “ – Agradei-me de uma de tuas almées. Amanhã ao romper da alva, enviar-te-hei um de meus emirs, a fim de conduzi-la para aqui” (DINIZ, 1886, p. 30). Aqui quem fala é o sultão e pode-se observar no tom do discurso a grandiosidade do seu poder. Esse procedimento ocorreu quando o mesmo viu a judia na apresentação do bailado em seu palácio. A partir de então, resolveu tê-la para composição do seu harém. Ela seria a sua quarta esposa. Conforme segue nessa passagem, confirmando também o seu domínio perante a uma classe inferior, ou seja, o poder sempre determina a classificação das classes: inferior ou superior, de acordo com a sua linguagem, como se vê aqui: “ – o nosso glorioso sultão, vos envia os sequins pelos quaes comprou vossa almée, e manda avisar-vos, de que à menor reluctancia de vossa parte, ou d’ellla, tenho ordem de fazer justiça com esta espada” (DINIZ, 1886, p. 47). Os aspectos determinantes nessa citação do poder apresentado na obra, intensifica a superioridade de determinada classe e mostra também uma cultura com seus costumes e o predomínio de uma força, a força masculina. Todavia, vale lembrar que essa força poderosa não se expande a todas as pessoas do sexo masculino, mas é restrita a uma camada da mesma classe, que se diferencia através do poder, do lugar ocupado na sociedade e revela sempre um outro a ser dominado. Essa relação envolvendo submissão, opressão, domínio é característica das civilizações orientais. E nessa configuração da superioridade dessas civilizações, pode-se observar a imposição e a expansão da riqueza como pedras preciosas, marfim, óleo etc, ou seja, o que de fato predomina é a atmosfera do ter, possuir, desejar.

Francisca Senhorinha transporta para a sua obra fictícia essa noção de poder em uma outra cultura. Apesar de exercer diferenças entre espaço e costumes, há aproximação grande dentro da história do poder de uma civilização a outra, ou seja, em qualquer situação envolvendo poder, haverá sempre o sujeito que será dominado. Ao observar as ações do Sultão em fazer o seu direito soberano, de ter um harém, o tom de sua palavra é pautado em

cima de uma ordem, envolvendo obediência e um outro sujeito que, conseqüentemente através dessa imposição na ordem dos valores, passa a ser o que representa a classe mais inferior na história do poder, intensificando assim a durabilidade das ações de cada um, dentro do seu próprio espaço. Então, o espaço sempre determinará os domínios do poder e em cada espaço assim constituído haverá sempre uma cultura, onde os direitos e deveres tramitarão na esfera de cada poder.

Na estrutura textual, a personagem Rachel representa a classe mais inferiorizada. Nesse sentido, a mulher não tem voz, tem todos os seus direitos cassados. Quando o Sultão aborda, o empresário da companhia de dança e revela o seu interesse pela judia, uma das integrantes da companhia, ele não quer saber de nada. Se a dançarina tem família, se pode segui-lo ou se o dono dela está disposto a negociá-la. Ele, simplesmente, a quer. E na troca de espaço, a judia se movimentará em outro espaço, o palácio real e que mesmo assim não lhe assegura nenhum direito especial. No primeiro momento, há o dominado na escala de poder e obediência. O empresário obedece ao Sultão, sem questioná-lo, mas o Sultão o pagará pelo objeto desejado. Isso significa a hierarquia do poder, em relação ao empresário, o sultão e a judia. O empresário obedece ao Sultão, que não obedece a ninguém, ele manda e a judia que obedece aos dois, porém a obediência do empresário tem preço. O preço em espécie ou o preço em sangue. Caso ocorra a desobediência, o servo real usará a espada. O confronto não tem a mínima possibilidade de acontecer porque é uma questão cultural e também o outro, o empresário, é um mercador. O servo através do seu discurso, obedece ao Sultão, quando o mesmo procura o empresário para revelar a vontade do seu chefe, não de seu dono. Ele é um servo. Logo, a judia não obedece propriamente, ela se submete a uma condição: a de escrava. Não há escolhas naquele espaço. É uma questão de submissão.

8- Sob o sangue da guerra

A guerra entre Mouros e Cristãos, que envolve a narrativa de Francisca Senhorinha, caracteriza as personagens dentro do seu próprio espaço cultural, numa estrutura linear temporal para explanar a história de uma mulher usada como mercadoria. A guerra, portanto, exterioriza as ações dos dois grupos adversários tematizando a essência feminina como peça de um quebra-cabeça. E através da figura feminina vê-se a construção e desconstrução do sujeito. A tônica do livro compõe-se dos efeitos da ordem social legada à mulher como objeto sem valor, totalmente desprovido de inteligência, enfim, um ser totalmente incapaz, totalmente nulo.

O tempo da guerra, ou seja, a temporalidade que envolve a guerra representa o circuito de dominação e conflitos envolvendo os dois grupos rivais. Há conexão entre eles, que determina o avançar e o recuar na história. Quando a história avança, o discurso é desenvolvido dentro da problemática de cada grupo em caráter de sua cultura. Já o recuar da história fictícia faz um paralelo com a história real, recortando fases de ações das personagens e contextualizando a própria natureza humana mediante os limites e a delegação do poder.

É notável a presença da judia no meio da guerra, porque ao mesmo tempo em que acontecem as lutas, ela está presente, mas ela não é guerreira das causas nem de Mouros, nem de Cristãos. Ela está em outra guerra. Em sua guerra existencial. Rachel procura. No entanto, a fragmentação do tempo da guerra coloca Rachel em dois espaços distintos, um onde a centralização do poder é evidente e a personagem não passa de objeto, de mercadoria. Diante desse poder, o recorte do tempo designa as intromissões, para reconhecimento de outros espaços, onde o poder opera inviabilizando as ações humanas, gerando assim a manipulação, a escravidão. Interessante também é que Rachel está sempre caminhando, indo com a guerra. Quando há o estacionamento, ela perde totalmente a sua liberdade, tornando-se escrava. Essa liberdade procurada, não existe nesse primeiro espaço, mesmo que ela quisesse, por uma questão cultural, isso nunca aconteceria. O Sultão, na cultura oriental, pode ter várias mulheres. E as mulheres são consideradas mercadorias. Rachel passa a ser mais uma das esposas do sultão. A conquista da liberdade será através da fuga. A guerra então alcança ou aproxima do período de redenção de Rachel e de sua liberdade.

A história inicia no momento de fragmentação da guerra, a guerra acontece em algum lugar, porém Rachel passará a caminhar com a guerra. Vejamos:

(...) uma caravana de babinos, composta de muitas mulheres, crianças, camellos e mercadorias, aportou certa noite na estalagem do Condor... entre elles via-se uma mocinha, quase uma criança e que, pelos modos, parecia não pertencer à raça dos babinos (DINIZ, 1886, p. 13).

Rachel, aqui é apenas uma mercadoria, um objeto roubado e que seria vendido. Após a negociação, Rachel inicia a sua travessia e passa a conviver com o desconhecido. O desconhecido do campo de batalha e o desconhecido condutor de sua salvação e libertação.

Toda agilidade da representação real das narradoras atribuem à história um caráter tênue quanto à distribuição dos espaços e ação das personagens. Por apresentar dois grupos rivais o desenvolvimento das personagens na narrativa, instiga a retrospectiva da travessia elaborada pela sociedade que sempre colocou as classes menos favorecidas à margem.

Quando a narrativa pára todas as ações das personagens param e entram na história real. Pela originalidade da obra, pela força cultural explanada em toda estrutura textual, observa-se que a guerra também assume ao mesmo tempo a contemplação do poder e a completude da redenção.

Assim, o romance enfatiza a análise para a interpretação do verbo guerrear, não pelo ponto de vista do combate, ou idéias antagônicas, mas pelo sentido de quem está sob o sangue da guerra. Qual o espaço indicador do lugar exato no tempo que escorre este sangue? Porque Rachel está inserida no tempo de uma guerra, ela não está guerreando. E quanto à questão do dominador, do opressor, vê-se que também na guerra, esse poder que está sob o jugo de outrem. Há o chefe, o comandante, o general, o coronel, o rei, o imperador, o barão, o senhor, o sinhozinho, o capataz, o feitor, o governo, o homem, a mulher, a criança. De modo que a estrutura na linha do tempo, na obra, nos faz refletir quanto ao posicionamento da judia numa guerra. É necessário lembrar que Rachel vivia e estava na região onde acontecia a guerra e no entorno desse lugar, ela viveu a barbárie em relação a um período e à cultura de um povo. Francisca Senhorinha ressalta os percalços vividos por uma mulher nesse tempo de guerra, Rachel, e a significação do papel dela diante da guerra, uma mercadoria. Vale salientar que, nem todas as mulheres estavam sendo usadas como mercadoria. Tanto é que no romance há a presença de outras mulheres e na imagem delas, num período de combate, igualmente a judia, não estavam guerreando. Mas importava para as autoras ilustrar a vida de uma mulher, negociada em meio a um conflito e convivendo com o seu opressor e que, na mesma situação de combate, havia a presença de um outro, um outro sujeito, o salvador. Então através da problemática vivida por Rachel, as autoras, retornam na história, ou seja, as ações fazem parte, ou melhor, estão no circuito de várias culturas, num tempo de guerra. Guerra de sangue, guerra de idéias entre o dominado e o dominador. E nesse espaço, a movimentação envolve várias pessoas, de raça, poder, sexo, ideologia, completamente diferentes e que as ações de cada um estão inseridas no contexto social vivido e apresentado por uma sociedade, por um povo e que é necessário refletir quanto à recepção de cada um, em nome da guerra e do poder.

9- Sob o nome judia

Pereira (2000, pp. 30-33), em seu estudo aborda que o nome judeu é um signo recorrente na obra de Rubem Fonseca. Ainda acrescenta que é necessário uma reflexão em cima do nome judeu para contextualização do mesmo em uma obra. De acordo com as suas

funções, ações e, sobretudo, quanto ao ponto de vista de cada um, o judeu na história revela um período em que domínio, poder e submissão circulam em espaço determinado. Maria Antonieta ainda revela que judeu significa aquele que foi duplamente abençoado e herdou o lugar de representante da lei paterna e que para os ocidentais, a imagem do povo judeu sempre configura a presença de um outro a ser dominado. E que o judeu em si, para o ocidental, sempre se pareceu com um estrangeiro totalmente enigmático. Desse modo, o ocidental está procurando desvendá-lo, conhecer os seus mistérios e através de sua cultura, estabelecer relações com outras para compreender o mistério da vida, no que diz respeito ao homem e também entre as suas inquietações metafísicas.

Francisca Senhorinha, em sua obra atenta para tais questões. Há um significado bastante visível na imagem, na composição e representação dos costumes orientais, em relação aos brasileiros, em um período de idéias e comprometido com a essência humana. Quando na obra o sofrimento, a luta e a resignação são apresentados e vividos por uma mulher judia, percebe-se a preocupação da autora não no sentido de uma causa social específica da mulher ou simplesmente a causa daquele povo, mas grande preocupação com o ser humano que vive em desvantagem, aquele que vive sob o jugo do outro. É interessante lembrar que, no romance, não há luta ou guerra para mudar a condição daquela mulher judia ou das mulheres judias, não há interferência de nenhum grupo social, preocupado com suas causas, muito menos de chefes de estado. O que realmente mostra é a situação vivida por um povo e que é bastante natural para eles. Porém, quando a autora, ou melhor as autoras, transcrevem para a produção literária o martírio da mulher judia, elas estão descrevendo o martírio de outras mulheres. Porque até então, a vida da mulher oriental pela história existencial daquele povo, sempre foi mostrada sob o mesmo enfoque da narrativa de Francisca. E no processo textual, Rachel vive regida pelo verbo procurar. Rachel procura algo, a filha. Mas a história de vida dessa cultura implica a quebra de vínculo e a continuidade de um costume.

Dentro dos apontamentos de Pereira, percebe-se o significado e aplicação de uma personagem judia, na obra de Francisca Senhorinha. Se para a cultura ocidental, o judeu sempre representou o domínio, opressão, submissão e a sua imagem reveladora de um ar misterioso, faço crer que dentro de um período conturbado, esperando mudanças em todos os setores de vida, *A Judia Rachel* opera dentro dessa ótica. Uma sociedade repressiva, dominadora, injusta, delegando poderes e transitando com ele, subjugando, operando, vivendo, logicamente está presente na obra para uma possível reflexão.

Do ponto de vista também da história das mulheres brasileiras, *A Judia Rachel* mostra a preocupação daquelas mulheres. As mulheres que viveram durante o início do século XIX e demonstraram a sua força, na metade desse mesmo século, com o objetivo de mudar a história delas, de construir as suas próprias histórias. Logo, a personagem Rachel funciona como espelho, não como um espelho de vida a seguir, mas como espelho para se mirar, para se ver no outro, para buscar mudança no seu espaço e entender as diferenças sociais. Quanto ao estudo de Hahner, vale salientar a importância do objetivo de querer recolocar a história das mulheres, no contexto social da história de um povo. Uma vez que as mulheres do século XIX lutaram tanto, mas que de certa forma ficaram à margem.

10- Sob a soma da dor

A narrativa de Francisca Senhorinha opera também pelo símbolo da dor. Ao transcrever os diversos estágios da dor e a sua representação, as autoras constroem os passos dessa dor numa linguagem metafísica, que desde o princípio é revelada na história fictícia: “Christo afflicto, dissera n’uma rua da Jerusalém descida: - Caminha! Caminha!” (DINIZ, 1886, p. 17). Essa imagem da dor divina está presente a cada capítulo, entre as ações das personagens, no sentido de uma caminhada, da ida ao encontro da luz, do encontro com o Pai. É interessante lembrar do destino profetizado na história dos Cristãos. Assim, a narrativa é uma representação detalhada de uma via sacra e suas estações. Uma guerra, o deslocamento a cada lugar de combate, uma mulher acompanhando essa guerra. A representação da dor divina que no início da narrativa contextualiza a dor de Rachel com a peregrinação de Cristo, revelando a dor de sua mãe, acompanhando o seu martírio ao Calvário cria a mimese. A consumação da história real está no oitavo capítulo da história fictícia, representando também o final de uma caminhada, a revelação de um enigma apresentado desde o princípio da narrativa.

É neste capítulo que Rachel tem a epifania, a revelação do final de sua procura. A partir da Flor da Paixão, o que estava oculto seria revelado. Então, quando as narradoras buscam os leitores para outro espaço, a terra santa, nos faz entender que as autoras buscam um signo divino numa relação analógica e representante de um lugar, em que a linguagem evidencia as ações do sujeito. Há um reconhecimento desse espaço, através da linguagem e a linguagem conseqüentemente avança no tempo para constituir a presença do outro. Quando na narrativa, as autoras tiram o leitor de um lugar e o colocam em outro, há uma constatação de

fatos que exterioriza o enigmático, como podemos ver através das passagens a seguir (DINIZ, 1886, pp. 199-205):

- “transportemos nossos leitores “a Jerusalém”;
- (...) “exposta estava à contemplação dos peregrinos, A noite do Calvário”;
- (...) “há ahi uma enorme cesta juncada de formosas flores roxas, que os fiéis intitularam, Flor da Paixão”;
- (...) “a minha flor começa a produzir efeito”.

Nesse prosseguimento, a narrativa se destaca na revelação do paradeiro da filha da Rachel, finalizando a sua busca. A Flor da Paixão é o sinal da concretização da procura. Através da flor, se tem a peregrinação. A mulher judia, usada como mercadoria, que antes fora roubada e que depois tivera a filha roubada também, marca o lugar ou lugares como força de representação e preenchimento das lacunas. Através dos procedimentos bíblicos, todo sofrimento, toda a dor são impregnados pelo silêncio, pela calma das emoções. Contudo, as ações de Rachel além de nos revelar uma nova representação do discurso, a linguagem do silêncio na voz do outro, busca no outro uma epifania. A representatividade do significado do desconhecido: acontece através da Flor da Paixão.

O desconhecido presente no dia-a-dia de um lugar vivido por todos, homens e mulheres, encontra-se inserido em cada tempo espacial de ações. Então, as relações de gênero estão amarradas, também nesta possibilidade de reconhecer através da dor, homens e mulheres, para edificar a presença do eu de cada um.

Nota-se na história que, através da peregrinação da judia até a chegada em Jerusalém, aspectos concretos que identificam a mimese. Há uma comparação com a cena bíblica, para mostrar o caminho da mãe em busca da filha perdida, dentro da teoria de Aristóteles. A divisão cativo/calvário, encontra uma conexão na obra de Francisca Senhorinha. Os detalhes da história fictícia mostram, com propriedade minuciosa, cada lugar de todas as cenas orientais, permitindo ao leitor a construção de todo o relato, ou seja, compor por inteiro a narrativa. Nos diversos estágios da dor, em que retrata a saga da judia Rachel, quer seja a caminho ou na troca do cativo, ou, no caminho a procura da filha, o discurso é direto. Quando as narradoras retratam as cenas bíblicas, representando o martírio de Cristo no Calvário, o discurso é indireto. Então, o leitor conecta o tempo, podendo também transportá-lo para outro espaço. A dor de Rachel, o caminho do seu martírio, a sua ida para o cativo e a procura da filha, fazem uma abordagem temporal e espacial com grande preocupação do

factual, descrevendo cada momento. Portanto, todos os recursos utilizados pelas narradoras apresentam o avançar da história que sempre está em sintonia com o leitor e no décimo capítulo, Rachel finalmente reencontra a sua filha. O caminho percorrido busca a revitalização do tempo, deixando claro o destino de Rachel, de acordo com essa passagem, “Não posso duvidar, disse Rachel suffocando a respiração. É a filha do Príncipe Negro e da judia Rachel, que dorme tranquilla enquanto eu, imitando a Virgem, a busco afflictamente. Sim! Bendicto sejaes, Deus dos Christãos! Deus meu! Deus de Amor e de bondade.” (DINIZ, 1886, p. 233)

O texto em *A Judia Rachel* que de forma clara e objetiva apresenta o sofrimento e os percalços de uma mulher usada como bem de consumo têm uma linguagem firme, que em seu primeiro plano cria a mimese operando através do tempo passado o tempo presente. Logo, o presente é o primeiro plano. O momento da dor vivido pela judia mostra a intromissão que revela a concretude das narradoras. Ao buscarem o passado, as narradoras marcam a história em seu segundo plano. O que se vê então é um tempo conectado, onde a presença da mulher circula nos dois tempos.

CAPÍTULO IV

A MULHER ESPELHADA EM A *JUDIA RACHEL*

1 – Trabalho já, dignidade sempre

Virginia Woolf (1985, p. 86) apresenta e coloca o caminho percorrido pelas mulheres dentro do trabalho da escrita:

(...) centenas de mulheres começaram, com o decorrer do século XVIII, a contribuir para o dinheiro das despesas pessoais ou ir em socorro da família, fazendo traduções ou escrevendo os inúmeros romances de má qualidade... a extrema atividade mental acontecem através das conversas, reuniões, redação de ensaios sobre SHAKESPEARE e traduções dos clássicos.

A partir de então, as mulheres começaram a escrever apenas para ganhar dinheiro. Não havia preocupação com o exercício da escrita. A mudança quanto a melhoria na qualidade de produção de textos de autoria feminina, ocorreu no final do século XVIII, quando as mulheres de classe média se interessaram pela escrita. Woolf (1985, p. 87) cita e elogia o trabalho da escrita de algumas mulheres desse período e ainda acrescenta que, (...) “todas as mulheres reunidas deveriam derramar flores sobre o túmulo de Aphra Behn”. Virgínia continua dando referência aos grandes nomes de mulheres como Abadia de Westminster e que segundo Woolf (1985, p. 87), “foi ela quem lhes assegurou o direito de dizerem o que pensam (as mulheres)”. E, segundo também Virgínia Woolf, foi no século XIX, que as mulheres intensificaram o trabalho da escrita. Um trabalho não somente voltado para adquirir seus proventos, mas um trabalho preocupado ainda com o conhecimento, as reflexões e, sobretudo, no espírito de luta de outras mulheres. Woolf (1985, p. 88) comenta que durante os primeiros momentos do século XIX, na França e Inglaterra, a predominância da escrita feminina aconteceu através da poesia. Grandes nomes citados por ela, entre os quais, Emily Bronte e Jane Austen.

É interessante acrescentar quanto ao estudo de relações de gênero, a importância que se dá ao fato de homens e mulheres estarem refletindo em suas obras, o que de fato

acontece, aconteceu ou vem acontecendo na sociedade em que vivem. Isso porque, dentro do estudo da obra de Jane Austen, feito por Woolf (1985, p. 89):

Jane Austen escondia seus manuscritos ou cobria-os com um pedaço de mata-borrão. De mais a mais, toda a formação literária que uma mulher recebia no início do século XIX era concentrada na observação do caráter, na análise da emoção. Sua sensibilidade fora cultivada durante séculos pelas influências da sala de estar comum. Os sentimentos das pessoas estavam impressos nela; as relações pessoais estavam sempre diante de seus olhos (...), por conseguinte, quando a mulher da classe média dedicou-se a escrever, elas escreveram romances, no entanto; e pode-se até ir mais longe, retirando orgulho e preconceito da prateleira, e dizer que escreveram bons romances.

Sendo assim, Woolf ainda declara que Jane Austen foi tão importante quanto SHAKESPEARE, dentro do processo de produção literária. Sensibilidade apurada, sem traumas psicológicos, uma mulher tranqüila, cuidadosa em sua criação e, que, no entanto, ficou sem voz no campo literário. Woolf (1985, p. 90) ainda faz referência quanto ao período vivido por Austen: “era impossível a uma mulher andar sozinha”. Então, a luta, a preocupação dos movimentos feministas durante o século XIX, foi exatamente o de promover reflexões quanto às estruturas de vida, em um espaço ocupado por homens e mulheres e que à mulher era negado o direito de viver, de exercer a sua cidadania. Woolf (1985, pp. 91-92) insiste em dizer que:

supõe-se que as mulheres sejam geralmente muito calmas, mas as mulheres sentem exatamente como os homens – elas sofrem de uma contenção rígida demais, precisamente como sofreriam os homens. É impensado condená-las ou rir delas quando buscam fazer mais ou aprender mais do que os costumes declaram ser necessário para seu sexo.

Diante desses apontamentos, fica clara a importância da obra *A Judia Rachel*. É um livro do século XIX, de autoria feminina e que através de sua linguagem faz retrocesso histórico-social, tendo por base fatos históricos, relatando costumes regionais, da cultura oriental, com o objetivo de apresentar a totalidade da vida de uma mulher, usada como mercadoria e tendo como pano de fundo a guerra entre mouros e cristãos.

Então, o livro *A Judia Rachel*, que tem como ponto de partida um condicionamento cultural, marca a narrativa no aspecto histórico temporal para ratificar a

nova história, a história das mulheres. E no encontro com o passado, a mulher da ficção encontra a mulher real. Na profundidade de seu tempo, as marcas, angústias, conflitos, no ato da reconstrução desse passado desaparecem. Que é impossível reconstruí-lo. Há então, a mulher desconstruída, para reconstrução da nova mulher. Virgínia Woolf (1985, pp. 147-148) considera:

SHAKESPEARE teve uma irmã; mas não procurem por ela na vida do poeta escrita por Sir Sidney Lee. Ela morreu jovem – ai de nós! Não escreveu uma só palavra. Ela está enterrada... Pois bem, minha crença é que essa poetisa que nunca escreveu uma palavra e que foi enterrada numa encruzilhada ainda vive. Ela vive em vocês e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e pondo os filhos para dormir. Mas ela vive, pois os grandes poetas nunca morrem, são presenças contínuas, precisam apenas da oportunidade de andarem entre nós em carne e osso.

2 – Travessia e discurso de *A Judia Rachel*: Luto e Melancolia

O romance de Francisca Senhorinha se caracteriza também como presencial na sociedade brasileira, que durante a metade do século XIX avaliou a representação conflituosa das ações humanas em todo processo histórico social. Ao mostrar a travessia da mulher judia, as narradoras desenharam o perfil do discurso feminino produzido através de uma linguagem melancólica, com gosto de luto.

No harém de Murah, Rachel toma conhecimento de sua nova condição de vida com mais clareza, então o seu estado psicológico varia de acordo com a movimentação no palácio real. As intrigas entre as esposas no harém, os criados concentrados sob as ordens e o vai-vem do sultão envolvido com a guerra, fazem com que Rachel se sinta cada vez mais perdida, sozinha e vulnerável. Rachel recorda para encontrar uma possível solução para o seu dia-a-dia e compreender sua sina. Então o estado psicológico de Rachel altera e começam a surgir os sintomas da melancolia e do luto. Essa transformação psíquica da personagem está ligada à sua travessia e as razões do seu discurso. Sendo assim, percebe-se até que ponto as mazelas do cotidiano, os obstáculos, as injustiças interferem no comportamento humano. Inclusive, o perfil de Rachel, apresentado pelas narradoras reflete bem a época, em que o regime de opressão, injustiça, castrou mulheres e também os homens, mediante seus direitos de cidadania. “Rachel resignara-se à sua nova condição: tres captiveiros, (Diniz, 1886, p.47), em pouco tempo. Aqui, quem fala é o texto, mostrando o tempo como referencial em sua

vida. Nesse momento, o tempo cronológico opera em sua vida buscando um outro tempo. Logo, toda a inquietação d'alma começa a surgir, a partir do sexto capítulo. Essas inquietações se apresentam em estágios diferentes, isso porque na via sacra da judia, acompanhando a guerra há vários espaços.

Nos estudos de “Luto e Melancolia”, segundo Freud, melancolia constitui desânimo penoso, uma diminuição dos sentimentos de auto-estima, que culminam com uma punição. Então, a partir do momento que Rachel começa a pensar em sua vida de escrava, prisioneira, inicia-se o estágio da melancolia e, com isso, o tom do seu discurso faz uma introspecção configurando a todo o momento a relativização do tempo e marcando também a concretude das narradoras. A incerteza, a solidão e a angústia de Rachel é evidente e esse estado d'alma chama o leitor. Com isso, para entender Rachel, recorro a Freud (1974, pp. 270-291), e este sofrimento envolve o leitor no texto, e dessa forma nota-se a presença do autor. E o narrador evolui no tempo que a história avança. Vejamos esta passagem: “Em suas longas noites de insônias, a judia passava e repassava muitas vezes pela mente as palavras da cabalista, em parte incompreensíveis” (Diniz, 1986, p. 64). Freud (1974, pp. 270-291) explica, que “na melancolia, a insônia atesta a rigidez da condição, a impossibilidade de se efetuar o retraimento geral das catexias necessário ao sono”. A imagem da cabalista e o seu discurso, portanto, coloca em Rachel o fantasma da identificação. Rachel precisa se restaurar, porém a constituição desse sujeito apresenta visões antagônicas gerando auto destruição. Estudos sobre Freud mostram que a melancolia ainda nos confronta com outros problemas e a resposta acaba nos escapando. Então, o martírio de Rachel é recorrente em sua travessia, no tempo da guerra. Na insônia, Rachel conecta seu tempo, para construir um sujeito em desconstrução. A partir daí, tenta entregar-se na idéia da fuga. Sair do palácio real para recuperar a sua auto-estima. A sua permanência no palácio provocará a sua destruição, ou seja, a desconstrução do sujeito. E no que toca o fator da intromissão, Rachel não pode permitir o empobrecimento de seu ego, que segundo os estudos psicanalíticos, o empobrecimento do ego é uma das características do melancólico, quando está prestes a perder a sua auto-estima. Então, a história se comunga com o tempo. A história avança e a fuga é a reificação da heroína, a mulher, a judia, a escrava, a mercadoria.

Quando Rachel encontra o Príncipe Negro, o estágio da melancolia se desfaz. A partir, de então, a reconstrução do eu se processa. Rachel é uma nova mulher. Um eu construído, que novamente relativiza o tempo. Esse sinal de construção estabelece a mudança e nessa travessia, o novo espaço anuncia a correlação entre a melancolia e o luto. Do ponto de vista, da psicanálise: “o luto é a reação à perda de um ente querido”(FREUD, 1974, pp. 270-

291). Essa reação provoca novamente inquietação n'alma e o retorno ao estágio de angústia e pena. E com o desaparecimento da filha de Rachel, ela se abstrai do mundo da guerra em que vive, para se agarrar em outra causa, a procura da filha. Então há correlação entre a melancolia e o luto a partir da perda do ente amado, a sua filha. Rachel volta ao seu estado penoso, mas não livra a sua consciência, ela continua pensando na filha e tem esperanças de encontrá-la. Isso significa que, ela não substitui o objeto perdido, a filha. O luto então, não se conclui, porque seu ego continua ocupado. Segundo a psicanálise novamente, “quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido” (FREUD, 1974, pp. 270-291). Portanto, enquanto Rachel estiver procurando a filha, ela estará oscilando entre luto e melancolia, pois ambos estão ligados à perda de um objeto ou um ente estimado. Na melancolia nem sempre ocorre a morte, mas o objeto ou a pessoa podem estar desaparecidos. Logo, acreditar na recuperação do que foi perdido, é não deixar o ego vazio. Então, a melancolia relaciona-se ao luto no sentido da perda, da retirada, do desaparecimento. No entanto, na melancolia, a pessoa sofre, a dor é interna, a pessoa não apresenta alegria, felicidade. No luto, as reações são externas, o mundo não oferece alegria, prazer, felicidade. Ocorre que a pessoa fica alheia a tudo. Então Rachel, estando vivendo num período de guerra, na luta entre mouros e cristãos esteve totalmente alheia a esta guerra, porque a sua causa era outra, ou seja, Rachel procurava a filha. Assim, luto e melancolia permanece na personagem, na sua travessia e o tom do seu discurso marca a supremacia do tempo, evocando uma outra história na história. A história fictícia, chamando o leitor para uma história real.

3 – Gênero e literatura: uma história de homens e mulheres em

A Judia Rachel

Candido (2000, p. 16) relata que “a concepção da obra como organismo permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam”. Então, o que motiva na estrutura textual de *A Judia Rachel* são as histórias de homens e mulheres no fio do seu texto. Há a história dos mercadores, os bambinos salteadores, o sultão com seu harém, os guerreiros, os criados, as mulheres do sultão, os romeiros e a judia, usada como mercadoria e em consequência de tudo isso, sua filha seqüestrada. Logo, a obra de Francisca Senhorinha, se ocupa em mostrar personagens, cujas ações abordam inúmeras reflexões no seu contexto geral. O estudo abordado na narrativa, ou seja, os usos e costumes dos orientais constituem uma representação do conhecimento das narradoras. As razões

específicas na narrativa em mostrar uma guerra e os elementos que circundam essa guerra, colocam seus personagens numa pretensa verdade. As narradoras abordam uma situação coerente dos costumes orientais em relação as suas mulheres para o interior da obra, *A Judia Rachel*. Contudo, entre as reações e ações de suas personagens, pode-se perceber o lúdico na contextualização dos fatos através do discurso de cada uma delas, tendo em vista cada espaço ocupado. O que na realidade é mostrado no romance são personagens em que no seu estado emocional são dotadas não de verdades absolutas, mas de verossimilhanças. O conjunto individual de cada personagem retém, em suas ações, cargas emocionais que são comoventes, perfeitamente capazes de buscar o leitor para dentro do texto.

Sendo assim, as interferências sociais provocam um trânsito no próprio contexto representativo da história, que de certa forma permitem ao leitor um desdobramento funcional, de suas próprias verdades para se interar nas verdades da história fictícia. Ao que tudo indica, a força do discurso amplia a identificação do leitor e no funcionamento dessa linguagem haverá sempre uma idéia seletiva na representação da totalidade da obra. O que dizer das histórias apresentadas em *A Judia Rachel*? Como que de certa feita, o romance faz com que aproximemos uns dos outros? Ocorre que, através do discurso, há a marcação do tempo e espaço na narrativa. De maneira que, nas ações de cada um, a linguagem se manifesta apresentando o grau da temporalidade, voltado às reflexões e tornando o tempo passado em presente, para colocar o leitor na história. A saber (DINIZ, 1886, pp. 104-107, 110):

- “Rachel continuava a ser a mesma moça docil que Crenvosk comprara na estalagem do Cairo, e da qual o Sultão Murah, fizera sua legitima esposa”;
- “Roberto igualmente temia que o Deus, por cuja causa combatia, não estivesse contente com elle”.
- “Soldados da cruz, ofereçam a paz aos seus inimigos, e entreguem os prisioneiros”.
- “Murah, mandara affixar editaes em Constantinopla, offerecendo seiscentos mil sequins de ouro a quem apprehendesse a Sultana Rachel, fugitiva do harém real”.

O texto fala por si, há em cada referência um tempo presente e causador de uma transposição de cada espaço. Portanto, o que se vê são espaços ocupados e a representação dos mesmos oferece nova construção de ações que normalmente estão ligadas aos fatos de

uma outra história. Há uma movimentação intencional na história fictícia que reconhece o homem como parte da história. Então, o romance, que mostra a saga de uma judia, embora se ocupe de apresentar fatos consideráveis em sua trajetória de vida, até então, tida como mercadoria, provoca no leitor reflexões para sintonizar entre as ações da Rachel, as ações de cada personagem, que diretamente ou indiretamente, participaram do seu martírio.

A Judia Rachel estabelece a identificação do leitor com as personagens, resgatando em cada uma, o registro que compõe as histórias individuais, quebrando o referencial de leitura somente para mulheres. Lê-se em *A Judia Rachel* uma história de homens e de mulheres que através de suas ações reconhecem o limite de cada um. Nessa perspectiva, de buscar através da linguagem um questionamento da totalidade do mundo, com cada povo e a sua cultura, *A Judia Rachel* cria oportunidades e estratégias para o leitor conhecer e medir o caminho percorrido por homens e mulheres. Através do discurso de cada um, o leitor poderá identificar as marcas e o lugar de qualquer sujeito no ato da fala.

4 – No texto: espaço e temporalidade, a memória

Ao descrever o texto da memória, Melo (1992, pp. 118-119) aborda duas situações ligadas à memória. Na primeira, cita Beckett no estudo sobre Proust, que “tinha má memória... o homem de boa memória nunca se lembra de nada, porque nunca se esquece de nada”. Na segunda, cita Deleuze e Guattari, nos “blocos de infância” em Kafka: “a memória de Kafka nunca foi boa; tanto melhor, pois a lembrança de infância é incuravelmente edipiana”... Ora, Wander Melo esclarece as duas situações, informando que:

tanto nunca – esquecer para lembrar -, quanto na outra – esquecer de lembrar -, é colocado em questão o papel desempenhado pela memória operadora do mesmo, pela lembrança que conduz quem lembra à edificação de um momento de si, confirmador do mito pessoal em que reconhece e deseja ver-se reconhecido.

Logo, o que opera na memória, como sinais de repetição, são as facetas do eu, que através da lembrança, busca uma outra imagem do eu, no que diz respeito ao referencial de estar no mundo, com suas virtudes e consciência dos valores existenciais, de ser participativo no fazer história. Por outro lado, quanto ao fato da memória operar a revelação, para o surgimento do que é novo dentro da temporalidade, torna-se necessário fazer uma conexão

linear do factual para a amplidão dos acontecimentos. Sendo assim, a cada revelação, haverá sempre o nascimento do novo, o regresso do outro. Após a recuperação desse eu, haverá sempre uma consciência. Ao proteger e supervisionar todas as atitudes do outro que renasce, essa consciência permitirá a continuidade ou paralisação de ações praticadas por esse novo indivíduo. Então, toda a conexão temporal, primeiramente parte da reflexão, que, de certa forma, ocupa um espaço maior dentro da memória de cada um. O romance em sua estrutura textual demarcando a travessia de uma mulher em um campo de batalha utiliza a atividade memorialista para sintonizar seu tempo dentro de cada espaço constituído por uma guerra. Com isso, Rachel, através de sua via sacra, faz um retrocesso mental, quando busca na imagem da cabalista o clareamento do enigma de sua sina.

Assim sendo, Francisca Senhorinha coloca-se perante a história fictícia, uma documentação real da cultura oriental, como registro esclarecedor da história de um povo. Ao relacionar conhecimento com lembrança, o factual do momento presente do século XIX, faz a diferença na história de *A Judia Rachel*, ou seja, a luta das mulheres, a situação da escravidão negra, o oprimido se transforma em história. Com isso, Francisca Senhorinha, no fio do texto, busca a presença de uma mulher e a coloca no centro das idéias para o resgate de sua história. Talvez a lembrança para uma autora do século XIX, ao mesmo tempo em que poderia ser enfadonha, tornaria mais abrangente, concreta para formatar a idéia do outro que estava por vir, ou seja, a nova mulher. Ao ler *A Judia Rachel*, percebo que as autoras se empenharam em buscar na lembrança um *flash back* das ações femininas, dentro de um costume rígido, mas que, através da atmosfera textual, ultrapassa as fronteiras do pensamento para tornar-se mais reflexiva e poder operar de forma mais abrangente em todas as camadas sociais: “recordava-se ella do que havia soffrido no Oriente, mas apesar disso sentia que sua alegria, por essa mesma razão era maior” (DINIZ, 1886, p. 249). Lembrar, aqui, para Rachel, faz um retorno no eu, que mira no outro, o objeto da lembrança, ou seja, a busca de sua filha. Sua filha é o objeto da procura. E nesta passagem textual, Rachel fala ao texto. Aqui, por meio de suas lembranças, Rachel busca o eu perdido, para que haja um avançar no tempo, sem a possibilidade de exaltação de um passado doloroso, mas totalmente intencional dentro da expectativa de caracterizar o momento presente através do jogo da memória para elucidar sua travessia e todos os percalços vividos por ela, que, a partir do momento atual, tenta recuperar a sua identificação, o seu eu.

Dessa forma, o sair de si, o fugir das lembranças ou se desprender do passado, devolve a Rachel nova consciência de vida. Pois, sendo assim, o romance em meio a um passado, revela um elemento catalisador que conforme ao eco do baú de seu eu, torna-se mais

plena e totalmente capaz. Toda a lembrança retratada na obra, busca um tempo complexo, que não deve se perder. E entre as suas conexões poderia constituir um elo presencial, operante e multiplicativo sob os efeitos de uma nova idéia, um novo discurso, num novo tempo da existência humana.

5 – Sedução, Quae Será Tamen

Os estudos das relações de gênero desmascaram o mito da diferença sexual nos textos literários e contribui para a inserção da mulher na literatura. Porém, a história vivida por homens e mulheres diferencia pelas ações individuais de cada um, mas não desqualifica nenhum evento. Sendo a história um romance real, uma narrativa de eventos que falará a respeito de alguma coisa e o ser humano participante de toda a estrutura social, política, econômica e cultural dos aspectos existenciais de um povo e que somente ao humano caberá a rede de informações de suas guerras, impérios, futilidades, amores e esperanças, no texto haverá sempre um coadjuvante dessa história real, que se chama vida.

E quem falará no texto? Não importa. Importa sim, o que prende ao texto, o que envolve e o que atrai em toda sua esfera complementar. “A sedução que caracteriza e registra a sutileza e beleza de um texto comunga entre as ações das personagens, a concretude do narrador, a temporalidade e o espaço por onde circula e determina as atitudes e comportamentos de cada indivíduo que compõe a história” (Cadernos CESPUC de Pesquisa, 1996. p. 18)

A ausência de voz das mulheres na história deixou uma lacuna incompreensível no setor literário. Durante décadas a escrita masculina demarcou todo o espaço histórico e social e com isso toda a argumentação perante a vida, cabia ao homem fazer. Depois da reação feminina para garantir seus direitos de cidadania houve uma fragmentação no discurso. Homens e mulheres perdidos em uma guerra dos sexos. Hoje, apesar das conquistas, da evolução do pensamento, as mulheres ainda convivem com as injustiças sociais e segundo Veleda¹⁰, “trabalhadores e trabalhadoras são inseridos no mercado de trabalho marcados por desigualdades atribuídas ao sexo. A diferença salarial entre homens e mulheres que exercem a mesma função é cada vez maior no país” (SILVA, UFRG). Susana ainda acrescenta: “no Brasil, são poucos os geógrafos que procuram analisar o espaço sob a perspectiva das relações

⁸ SILVA, Silvana Veleda. **Os Estudos de Gênero no Brasil: algumas considerações**. UFRG.

de gênero”. Dentro dessa temática, importa agora é a reflexão dos papéis de representação, tanto masculina, quanto feminina que compõe a história de um povo. Saber buscar através da temporalidade, cada espaço vivido também pelas mulheres, o ser humano evidentemente estará preenchendo um espaço que ficou vazio, para assim dizer indicar o referencial de cada um na história e contribuir para o avanço cultural de uma nação.

É dessa forma que o corpo da narrativa escrita por mulheres poderá ganhar também o seu espaço na história da literatura. Sedução, quae será tamen! Então, o texto feminino marcará a história de um povo através da sedução. A sedução demonstrada pelo que encobre um texto, chamando o leitor. A entrega, a parceria, a cumplicidade, permanecerá entre leitor e autora no instante que a unidade textual conspirar entre essas duas consciências. A sedução em obras de autoria feminina consegue ganhar o leitor, não por ser uma escrita feminina, mas por ser uma história relevante e com o compromisso de expor em trânsito o ser humano em questão. Todavia, ainda há muito para ser conquistado em termos de aceitação total, porém por outro lado, a escrita feminina, por ser expressão de um período de luta, revolta, combate, denúncia, seduz e chama o leitor.

A Judia Rachel, na verdade, buscou-me para uma outra dimensão. Sinto-me cúmplice e altamente seduzida pela composição textual de uma narrativa que atravessou os séculos e, hoje, vem somar nos estudos de relações de gênero. É interessante observar o controle consciente das narradoras no ato da descrição de cada espaço e na colocação de cada elemento simbólico no que diz respeito todas as interferências humanas em relação à vida e à sua sobrevivência e, que a imaginação permite acontecer. Assim, na passagem, já no final de desvendar todo o enigma quanto ao desaparecimento da filha de Rachel, a descrição do caminho da peregrinação dos romeiros até Jerusalém é totalmente divino: “brilantemente iluminada pelo luar toda collina, cheia de milhares de pessoas, tinha essa esplendida vista como que alguma cousa de ethereo. Preparava-se uma espécie de presepe” (DINIZ, 1886, p. 199).

CAPÍTULO V

EM ALGUM LUGAR NA HISTÓRIA: ELAS

Se a representatividade de cada espaço com todos os significantes e significados em relação à caminhada da personagem Rachel, no período conflituoso entre Mouros e Cristãos, criou um processo de construção e desconstrução do sujeito, foi inevitável o abalo psicológico, na consciência da personagem, em relação à sua própria identidade. Nesse sentido, a procura interminável da filha intensifica, a profundidade dos fatos em cada espaço constituído pelo sujeito, que também está à procura desse sujeito, ou seja, o outro. Percebe-se, através das narradoras que a determinação do espaço ocupado estabelece uma expectativa em relação à visão do outro, o leitor, dentro da temática da obra, entorno da figura de uma mulher.

A cada momento das intromissões, o discurso assume um caráter relativizado na figura do outro, que tenta preencher algumas lacunas, dentro da temporalidade. Então, a concretude das narradoras também assume o corpo do texto e, na verdade o que ocorre é uma cumplicidade entre leitor / autor.

Na explanação de Barthes (1996, pp. 51-54), “eu me interesso pela linguagem porque ela me fere ou me seduz” e em “a linguagem que eu falo em mim mesmo não é de meu tempo; está exposta, por natureza, a suspeita ideológica; é, portanto, com ela que é preciso que eu lute”, marca a presença de infinitas vozes que na narrativa dialogam entre vários fatos e a cada interpretação há uma relativização da verdade textual com a verdade real. Nesse contexto, o desnudar das ações femininas no conteúdo da história natural adquire uma equidade social operante e altamente imprescindível para continuidade da cultura e elucidação da participação das mulheres no processo construtivista do país.

Entre as angústias vividas pela mulher judia na narrativa, percebe-se uma problemática social que através do sentido único do texto, cujo leitor permanecerá literalmente no teor da história, consolidará a primazia do sexo feminino entre o que é ficcional e o que é real. Apesar da fragmentação do tempo, o destino da narrativa não sofre alterações dentro da perspectiva inicial, que é a configuração da mulher em vários espaços, revelando suas ações participativas como culminância dos resultados positivos de reflexões funcionais, tendo em vista a capacidade do ser humano no cenário histórico social e cultural.

A interioridade da personagem Rachel evidencia, com bastante propriedade, a voz de um pretérito guardado na história. Dos percalços num campo de batalha até a idealização de sua liberdade, Rachel procura na integridade da narrativa o seu eu e a sua própria história desvinculada de sua concretude individual. Em todo o seu período de insônia há várias lacunas, que entre os questionamentos e as suas visões no recuo ou avanço da história, a linguagem torna-se lúdica, oferecendo pistas para o desnudamento de alguns enigmas e preenchimento dessas lacunas que focalizam a individualidade de cada um. Logo, na pluralidade do espaço há o limite de cada um e a busca da unidade histórica ultrapassa a temporalidade para ressaltar no discurso uma ideologia coletiva interagindo o sujeito no meio onde vive, no processo da construção de sua própria identidade.

1 – Quem de nós?

Para Sargentini (2004, p. 133), o “espaço que se preenche e se esvazia, o concreto que se ergue e se demole, o corpo que se modela e se disforma, as imagens que se proliferam e se rarefazem, e ainda o verbo que se multiplica ecoa e se emudece”. Assim, se inicia o longo caminho das reflexões para encontrar a subjetividade. Esse ritual se manifesta a partir da supremacia da linguagem, que sob o primeiro aspecto de organizar significantes e significados numa mesma idéia se estabelece com o movimento das ações individuais num espaço produzido e determinado. Mas quem de nós? Quem de nós, Francisca, Nísia, Josefina, Violante, Clarice, Adélia, Rachel, eu, para falar sem nos familiarizar com o outro? Portanto, é necessário que se reconheça no outro para o discurso operacionalizar. A cada informação, enquanto sujeito, o ser humano produz o seu próprio discurso, de forma que o espaço sempre será o regulador e a sociedade, como um todo e com suas interferências o regimentará.

O romance com sua linguagem textual procurou abordar a questão da mulher de forma ampla e com bastante propriedade, que através dos espaços determinados pela guerra, as personagens se compunham entre o passado e o presente. Então, após a fuga de Rachel do palácio real, houve uma mudança na caracterização da judia. Rachel transformava seu eu: “o turco trancou por fora a porta do harém, e meteu a chave na algibeira. Dando a mão a Rachel foram arrastando-se pela relva, por cima dos sentinellas, até a árvore onde estava amarrado o balão do Príncipe Negro” (DINIZ, 1886, p. 95). Aqui é o momento principal da travessia de Rachel. A judia tomada pela mão, segue o seu caminho, o caminho da liberdade. Quando o turco Seledim, seu companheiro de fuga, tranca a porta do harém, a judia já não é mais a

mesma. Acontece uma transformação no ser. Rachel já não é mais escrava. Ela deixa o cativo e encontra-se com um novo eu. Aqui se tem o processo de construção e desconstrução do eu. Porém, Rachel ainda continua no campo de batalha, só que do outro lado. Rachel está no campo cristão. E quem espera Rachel é o Príncipe Negro, seu salvador, seu herói. A narrativa não quer mostrar somente a conquista da liberdade de Rachel. O que está em questão é o ser humano porque a saga de Rachel não termina aqui. O surgimento do Príncipe Negro preenche o vazio da origem de Rachel. A judia adquire um referencial, passa a nova identificação. Rachel se converteu ao cristianismo. Após o seu batismo há um outro ser na identificação do eu. Dessa forma, o discurso opera além do ser. A linguagem passa a ser modelada pelo espaço de sua nova ocupação.

Quem de nós? Qual o discurso operante para a colocação da subjetividade? (...) “O que queremos?” “Queremos reaver nossos direitos perdidos” (HANNER, 1970, p. 128). Volta a concretude das narradoras, colocar o olho através do outro.

2 – Percalços, mas também vitórias

Hahner (1970, pp. 9-11) aborda “uma história perdida, a história das mulheres brasileiras, que tinha de ser recuperada”..., em sua pesquisa sobre as classes inferiores urbanas da Primeira República, como base fundamental para conhecimento de todos os processos de evolução do conhecimento para o surgimento da cultura nos aspectos políticos, econômicos e sociais. É notável que apesar de todas as vitórias, as conquistas, o direito à cidadania, a mulher brasileira sofreu muito e ainda, hoje, há uma carga de sofrimento e muitas barreiras para serem ultrapassadas. Contudo, vale lembrar de todas que direta ou indiretamente contribuíram para este reconhecimento.

No romance estudado, o papel fundamental, nesse caso, é o das narradoras, que fazem um paralelo entre as duas culturas e o fio do texto transcorre numa estrutura linear necessária para esta comparação nos dois espaços: percalços, mas também vitórias. E voltando na passagem da narrativa que mostra a sensação de liberdade da Rachel (DINIZ, 1886, p. 95), “o turco trancou por fora a porta do harem, e meteu a chave na algibeira. Dando a mão a Rachel foram arrastando-se pela relva, por cima dos sentinellas, até a arvore onde estava amarrado o balão do Príncipe Negro”, afinal aqui se cumpre o desígnio da libertação, o novo caminho da personagem Rachel que estaria começando. Sem preocupação do futuro. Importava sim, era sair do cativo, conquistar a liberdade.

A partir do ponto de vista de Hahner, determino um ponto importante, “uma história perdida que tinha de ser recuperada”. Ora, a história da personagem Rachel estava perdida no harém. Lá a judia era um ser nulo. Sendo o seu terceiro cativo estava totalmente castrada de suas funções normais da vida. Era apenas um adorno. Então, o seu papel de ser pensante e participativo estava fora de cogitação. Logo, a luta da judia Rachel, assemelha à luta das mulheres brasileiras, que durante muito tempo ficou esquecida, e, que, seguramente, precisa ser resgatada para mostrar como viveram, o que fizeram, como morreram, enfim, como foram as suas participações na construção do país e saber de suas reações em cada espaço ocupado por elas. A análise da personagem Rachel tem um grau de importância bastante elevado em relação às conquistas das mulheres. A preocupação de conquistar a liberdade e mentalizar como algo a ser realizado, caracteriza a função das narradoras, que utilizam metaforicamente o campo de batalha, a luta de mouros e cristãos, não necessariamente para mostrar a guerra, mas para configurar a mulher nesta luta. A partir de então, as narradoras constroem um inimigo e esse inimigo passa a ter um duplo sentido, ou seja, são duas guerras, duas lutas. É interessante verificar na narrativa, que a causa da mulher é algo sem importância, não é notório e dentro do alto escalão que compõe essa guerra de mouros e cristãos, não existem ouvidos para essa mulher. É uma mulher nula, sem importância e ela não tem parceiros nesta luta, a não ser de uma outra mulher e de um servo do palácio. Nota-se que, no momento da fuga, a outra mulher fica, ela aceita a condição de ser uma das esposas do sultão, ela não reivindica a liberdade, porém o servo acompanha, ele também quer a liberdade.

3 – Várias vertentes e uma linguagem

A leitura da obra de Francisca Senhorinha detém várias vertentes, porém com um mesmo discurso, uma mesma linguagem. Enquanto personagens vitimadas por uma guerra, a configuração da supremacia do poder, as características dos papéis de servidão, a luta instaurando a centralização de uma idéia, a imposição de uma ideologia, o discurso da narrativa atua simultaneamente em cada fato. Concentra-se o papel fundamental das narradoras, que partem de um romance regional de costumes orientais para enfatizar uma única linguagem, seguindo várias nuances, ou seja, há uma pluralidade de acontecimentos e todos estão visando uma causa, porém em situações diferenciadas. Vale esclarecer que na narrativa todo o discurso é um grande acontecimento, pois o mesmo interage entre todas as

causas, ele é básico para todos. Todos reivindicam a paz, a vitória, o reconhecimento, a vida, a salvação, a liberdade.

Dessa forma, quando no quinto capítulo, da segunda parte, as narradoras formalizam o final da guerra: “A guerra estava a decidir-se, regressavam os encarregados de negociar a paz...” (DINIZ, 1886, p. 170). Nota-se, pois, que o significado “paz” aponta uma correlação com diversas causas, transcrevendo no entorno desse significado uma variedade de possibilidades, promovendo, então, a descrição da paz, como um acontecimento. Na análise de Sargentini (2004), “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”, então toda a representatividade do discurso em decorrência da paz, caracteriza-se por ser um referencial dentro do próprio significado do nome. Logo, em Francisca Senhorinha se vê a dualidade na ordem do seu discurso, referente à paz. Em decorrência dos pronunciamentos na tribuna, no jornal e, sobretudo, na escrita, principalmente na narrativa de *A Judia Rachel*, pode-se atribuir à Francisca Senhorinha, como um elemento mediador na operacionalização do discurso da paz, dos direitos, da liberdade e acima de tudo, da esperança e do amor.

Então, na passagem da narrativa definindo o final da guerra, percebe-se a vitória do bem contra o mal. E no romance a representação do mal aborda várias ações que são gerenciadoras do mal. Não somente a guerra, mas todas as situações ou fatos da narrativa que estão ligados às intrigas fazem uma conexão com o mal. A presença da mulher usada como mercadoria e que está inserida no campo de batalha reforça a argumentação do Foucault, que de acordo com Sargentini (2004, p. 234), “um enunciado pode ser percebido como um acontecimento”, sob essa perspectiva, o discurso da paz na representação de cada espaço, com os vários personagens, faz de *A Judia Rachel*, um referencial do significado. Ao situar a judia como membro integrante da paz no contexto da obra, percebe-se através das narradoras, um alto poder de manipulação da linguagem, com o objetivo de obter um efeito maior em decorrência do significado da palavra, ou seja, da causa defendida por elas e explanada em torno da personagem Rachel. Daí, verifica-se mais uma vez, a concretude das narradoras, ao transcreverem a trajetória de uma mulher judia em um campo de batalha, chamando o leitor para uma reflexão.

Para Sargentini (2004, p. 234), “o enunciado é um acontecimento e abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro”, ou seja, na obra *A Judia Rachel* há a clara representação do discurso que circulou em todos os espaços sociais do Século XIX e consequentemente saiu da oralidade para estar presente na escrita. Desta feita, o livro carrega

toda a representatividade do discurso operante da época. Uma vez que a representação das causas em benefício dos direitos das mulheres e da classe dos menos favorecidos retratados nos discursos, jornais, a escrita feminina em decorrência apóia-se na construção da personagem Rachel. Na obra, ela corresponde à busca, às reflexões, às argumentações.

4 – Um eu em questão

A linguagem que está contida na obra *A Judia Rachel* constrói a caminhada para a localização da identidade do sujeito. Dentro do aspecto fiel na demarcação dos lugares, as ações reconstituem através do discurso ou das interferências das narradoras, a identidade do eu perdido. Porém, no tecido do texto existe uma dificuldade desse retrato falado da realidade e que ao leitor no primeiro plano, passa um pouco incompreendido. A imagem e a totalidade dos fatos ou lugares somente reconstituem num segundo plano, através das intromissões que dão a concretude das narradoras. Com efeito, a trajetória elaborada na narrativa, em função da mulher judia corresponde a uma variedade de significantes e significados que de certa forma, por intermédio do discurso evidencia o verdadeiro caminho da individualidade de cada um, levando em conta cada detalhe, cada partícula significativa no processo da constatação da vida do ser humano.

Dessa forma, a narrativa que transcorre em meio às intensas guerras santas define o posicionamento de cada um e marca através da linguagem o deslocamento do eu. Assim, o encontro com a cabalista determina a fragmentação do eu provocando o seu sair de si mesmo, ou seja, o seu deslocamento: “vejo trez corôas n’esta frente!... de sultana! De princesa! E de martyrio!” (DINIZ, 1886, p. 42). Aqui, nessa passagem, verifica-se a certificação da divisão em partes do sujeito. Há uma anunciação com destino definido para cada momento de cada eu. Com isso, a linguagem vai traduzindo uma identidade possível para a judia, que na verdade não se refere à sua verdadeira origem. Na via sacra de Raquel há várias lacunas para ocupação de outros espaços. Nesse povoamento de cada lugar, pode-se observar o momento de construção do eu. Portanto, os lugares é que determinam o fator da subjetividade. Assim, a guerra vai construindo, ao longo da caminhada, cada sujeito. Portanto, há uma movimentação em torno desse eu. A correspondência dos elementos neste processo de construção acontece através da linguagem que opera em movimento, à medida que vão surgindo os lugares denominadores do poder da guerra, em cada campo de batalha.

Enquanto a guerra vai construindo no momento de uma desconstrução, a via sacra da personagem Rachel permite a recomposição do tempo para afirmação de sua totalidade, ou seja, Rachel vai se estruturando em cada espaço que ocorre a guerra e como o tempo faz um retrocesso para explicar a configuração do seu eu em determinado lugar, ela, como sujeito está em construção. Isso porque o trabalho das narradoras em situar a personagem num campo de batalha corresponde ao aspecto lúdico das palavras. Elas utilizam os dois lados do conflito para designar a pessoa de Rachel. Assim, a Rachel que se apresenta, ou melhor, é apresentada no início da narrativa, está no campo de batalha dos mouros. Lá permanece até o décimo segundo capítulo da primeira parte, que é o momento de sua fuga. Nessa fase, Rachel ainda é uma mercadoria e espera uma renovação em sua vida. Há um desejo de mudança. Também nesse período, Rachel ainda não tem a definição de sua origem. Ela é um sujeito sem identificação. Toda a estrutura de vida da Rachel mudará através da liberdade conquistada. Essa liberdade ela só consegue por intermédio do guerreiro cristão e ao se transferir para o outro campo de batalha, conseqüentemente, ela será uma outra pessoa. Então, a partir daí a reconstrução do seu eu vai se estruturando até chegar ao formato dado à sua razão de ser, conforme se vê nesta passagem de Diniz (1886, p. 100): “eu vos salvei, por serdes uma filha do Christo, que a todos nós salvou (...) não sou filha do Christo, eu sou judia”. Então, observa-se que, a partir daí, Rachel ainda não se completou como pessoa. Não ocorreu ainda a consciência e a representação do seu ser. Nesse momento, a sua razão de ser, não está sozinha. Ela está em movimento, acompanhando o percurso da narrativa.

Devido à explanação da figura feminina, tendo em vista os costumes da cultura oriental e com a guerra como pano de fundo, as autoras investem no fator tempo, ou seja, a temporalidade passa a estruturar a narrativa num percurso linear para dar ênfase à atuação da mulher e, com isso, fazer um paralelo entre as duas culturas. Logo, segundo Sargentini (2004, pp. 92-94): “as relações do sujeito estabelecem-se entre os domínios do saber, do poder e da ética. Tais domínios permitem ao sujeito avaliar como ele se constitui enquanto sujeito do seu saber, e do que ele exerce ou sofre relação de poder e enquanto sujeito de sua própria ação”. Dessa forma, o romance utiliza a linguagem para estabelecer a relação da mulher com sujeito na história e através do discurso da narrativa construir este sujeito na história, ou seja, recuperar a mulher dentro da história.

5 – Conclusão

Entregue às lutas, aos sonhos, às ilusões, às emoções, a fé e, sobretudo, à esperança assim viveram as mulheres no século XIX. Num tempo voltado às causas sociais, preso ao patriarcalismo, à cobiça, à opressão e com um desenvolvimento altamente promissor na tecnologia, ciência, filosofia, psicologia, enfim, em toda base do conhecimento humano, a mulher amargou a sua complexa sina, um sujeito totalmente sem voz, um objeto, um adorno.

Com o passar dos anos, as pesquisas buscaram compreender melhor o tempo vivido pelas mulheres. Hoje, resgatá-las no contexto histórico social se faz necessário, uma vez que, no processo de construção do país, suas ações estiveram voltadas às causas sociais, a favor do progresso cultural na trajetória de vida de um povo.

Sendo assim, a via-sacra vivida pela personagem Rachel e o referencial de cada espaço percorrido por ela, provoca algumas reflexões quanto ao papel da mulher dentro da sociedade, com suas angústias, alegrias, desejos e, sobretudo, quanto ao espírito de luta, garra e coragem.

Dessa forma, a recuperação da presença da mulher no conteúdo da história brasileira, define não apenas o seu lugar, mas reconstitui os lugares e a multiplicidade do discurso operante. Sendo assim, a identidade do sujeito estará em um dos lugares de cada tempo na história. Descrever uma outra cultura, mas com o envolvimento da mesma temática cria oportunidades para os possíveis questionamentos no silêncio de qualquer história de um povo. Com isso, *A Judia Rachel*, enuncia a representação e a integridade de cada espaço em virtude da participação e experiência vivida pelo ser humano, descrevendo a sua força, resistência e, sobretudo, os seus anseios na totalidade do mundo.

Na caracterização do século XIX, elas que, na visão de Hahner (1970, p. 10), “as corajosas pioneiras feministas do Brasil e suas sucessoras precisam ser conhecidas por esta geração”, acabam de conquistar o lugar devido na história.

As relações de gênero ajustarão por todos os séculos toda a complexidade social em torno do espaço vivido por homens e mulheres, para que haja relevância na representatividade do papel de cada um, para contribuição e continuidade da história.

VI – BIBLIOGRAFIA

6.1 – Da autora

DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. **A Judia Rachel**. Rio de Janeiro. José Assis Climaco dos Reis. 1886.

6.2– Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Bertrand Brasil-Difel. 7ª ed. 1987.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Perspectiva. São Paulo: 1996. 4ª ed.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG. 1998.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à Literatura Brasileira**. São Paulo: USP, 1997.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz. 8ª ed. 2000.

Cadernos CESPUC de Pesquisa – série Ensaio – nº 2. Belo Horizonte: PUC / Minas, 1996. p. 18.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Efemérides de São João Del Rei**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.

COUTINHO, Afrânio Santos. **A literatura no Brasil**. Vol. 3 e 4. São Paulo: Global, 1997.

DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. **O sexo feminino**. Campanha. 25 de outubro de 1873.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e Literatura no Brasil**. *Estud. av.*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2003.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-40142003000300010&Ing=en&nrm=iso. Acesso em 17 jan 2007. doi: 10.1590/s0103-40142003000300010

ELLIS, Myrian. **O Brasil monárquico, tomo II: declínio e queda do Império**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (História Geral da Civilização Brasileira, vol. 6).

- FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: **A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 270-291. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.
- GOTLIB, Nádia Battella. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. Disponível em <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm> Acesso em: 20 fev 2006
- GUARDINI, Sandra. A rota dos romances para o Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, 2006, ABRALIC, nº 9.
- GUIMARÃES, Marcelo Miranda. **Há Restauração para os Marranos e Cristãos**. Novos Brasileiros, Os separados da Casa de Israel. Belo Horizonte, Abradjim, 2001.
- HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850–1937**. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- LEMAIRE, Anika; **Jacques Lacan Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 1985, 3ª ed. Contribuições em psicologia, psicanálise e psiquiatria.
- LUCAS, Fábio. **Luzes e Trevas. Minas Gerais no século XVIII**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- MIRANDA, Wander Melo. **Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago**. São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo: Belo Horizonte: UFMG. 1992.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Um toque de gênero: História e Educação em Minas Gerais. 1835-1892**. Brasília: FINATEC. 2003.
- NEVES, Margarida de Souza. **A ordem é o progresso: o Brasil de 1870 a 1910**. São Paulo: Atual, 1991.
- NOTH, Wirfried. **Panorama da Semiótica de Platão a Pierce**. São Paulo, Annablume, 2003.
- NUNES. Aparecida Maria. **Uma história mal contada. A imagem da mulher nas publicações populares**. Disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/5118/1/NP17NUNES.pdf> Acesso em 13 mar 2006
- PEREIRA, Maria Antonieta. **No fio do texto: a obra de Rubem Fonseca**. Belo Horizonte: UFMG / FALE, 2000.
- PERROT, Michele. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.
- PRIORE, Mary Del. **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto. 2004.
- RODRIGUES, Carla. Jacques Derrida: pensar e desconstrução. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Literatura comparada**, 2006.

SARGENTINI, Vanice. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso e poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz. 2004.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Escrevendo Gênero, Reescrevendo a Nação: da Teoria, da Resistência, da Brasilidade. **Seminário Nacional Mulher e Literatura**. Belo Horizonte, 2001. Anais 14 paginas.

SILVA, Susana Veleda. **Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações**.

Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-262.htm>> Acesso em: 13 mar 2006.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres e Relações de Gênero: algumas reflexões**.

Disponível em <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/03/19148.shtml>> Acesso em 13 mar 2006.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Brasília: UNB. 1982.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina: as marcas da trajetória. In: BRANDÃO,

Izabel (org.). **LEITURA. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**.

Maceió:UFAL, 1996.